

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**Jéferson Andreu Knecht**

**A Blogosfera “Progressista” contra a “Grande Mídia” na cobertura do  
“escândalo dos dossiês” durante as eleições presidenciais de 2010**

**Porto Alegre  
2011**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**Jéferson Andreu Knecht**

**A Blogosfera “Progressista” contra a “Grande Mídia” na cobertura do  
“escândalo dos dossiês” durante as eleições presidenciais de 2010**

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do curso de Licenciatura em História ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Alberto Grijó

**Porto Alegre**

**2011**

## RESUMO

A cobertura das eleições presidenciais de 2010 foi uma ocasião especial para analisar como as disputas político-partidárias são apresentadas na imprensa, tanto nas mídias tradicionais quanto nas novas mídias, especialmente nos *blogs* jornalísticos. De um lado, o governo de Luis Inácio Lula da Silva (PT), bem avaliado nas pesquisas e com grandes chances de fazer sua sucessora, Dilma Rousseff; de outro, uma oposição enfraquecida, com dificuldades para criar discursos capazes de mobilizar eleitores sem atacar Lula, representada por José Serra (PSDB). À medida que uma possível vitória de Dilma se avizinhava já no primeiro turno, foi a atuação da imprensa, porém, que se tornou foco de críticas para um grupo de blogueiros e jornalistas identificados com a esquerda política. Depois de surgirem como atores políticos pela primeira vez nas eleições de 2006, alguns *blogs*, agora autodeclarados “progressistas”, estavam mais organizados para reagirem contra as armadilhas que, na visão deles, eram empregadas pela “grande mídia” com o propósito de influenciar o eleitorado a votar em José Serra. Tendo por referencial teórico Pierre Bourdieu, o presente trabalho procura compreender a atuação destes blogueiros e jornalistas na internet, além de buscar as motivações para a realização do 1º Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas, que ocorreu durante o processo eleitoral. Por fim, também compara a cobertura realizada pelos blogueiros “progressistas” com a cobertura da “grande mídia”, no episódio que ficou conhecido como “escândalo dos dossiês”.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	05
1. PANORAMA MUDIÁTICO NACIONAL.....	20
2. O SURGIMENTO DA BLOGOSFERA “PROGRESSISTA”.....	29
2.1. O “primeiro time” de blogueiros.....	30
2.2. Luis Nassif: de editor da <i>Folha de S. Paulo</i> a blogueiro “progressista”.....	35
2.3. O encontro nacional de blogueiros “progressistas”.....	39
3. A COBERTURA DO “ESCÂNDALO DOS DOSSIÊS”.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58

## INTRODUÇÃO

*A linguagem política destina-se a fazer com que a mentira soe como verdade e o crime se torne respeitável, bem como a imprimir ao vento uma aparência de solidez.*

George Orwell<sup>1</sup>

Após oito anos no Palácio do Planalto, a principal estratégia empregada pelo Partido dos Trabalhadores (PT) nas eleições presidenciais de 2010 – a primeira sem Lula como candidato do partido – foi comparar a gestão petista com os oito anos do governo anterior, de Fernando Henrique Cardoso, pelo Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB). Tal estratégia visava eleger Dilma Rousseff, ex-ministra da Casa Civil, e que jamais disputara mandato político, contra o ex-ministro da Saúde de Fernando Henrique e ex-governador de São Paulo, José Serra, transformando o palco das eleições num plebiscito entre os dois governos. Também no páreo estava Marina Silva, lançada pelo Partido Verde (PV), e que representava uma candidatura alternativa.<sup>2</sup>

De um modo geral, a “eleição plebiscitária” trouxe bons resultados ao PT: as comparações entre os governos se tornaram um fato político constante na imprensa<sup>3</sup>, José Serra teve dificuldades em assumir o legado privatista da gestão tucana<sup>4</sup> e os demais candidatos ressentiram-se da polarização estendida à cobertura jornalística.<sup>5</sup>

Além disso, com índices de popularidade batendo recordes de aprovação, a inviabilidade de críticas contundentes ao governo Lula se traduziu em discursos muito semelhantes entre os três principais candidatos. A situação foi agravada pelas intervenções de marqueteiros, que se esforçaram por diminuir os riscos de rejeição do eleitorado,

---

<sup>1</sup> Citado em: NASH, Paul. Autoridade e liberdade na educação. Rio de Janeiro, Ed. Bloch, 1968, p. 100.

<sup>2</sup> Os demais candidatos eram: Ivan Pinheiro (PCB); Zé Maria (PSTU); José Maria Eymael (PSDC); Levy Felix (PRTB); Plínio de Arruda Sampaio (PSOL); Rui Costa Pimenta (PCO).

<sup>3</sup> <http://migre.me/59A9w>. Acesso em 19/06/2011.

<sup>4</sup> <http://migre.me/59C8o>. Acesso em 15/06/2011.

<sup>5</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u719227.shtml>. Acesso em 26/06/2011.

especialmente nos debates televisivos, com poucos ataques aos adversários, o que foi bastante diferente do que se viu na imprensa escrita e na internet.<sup>6</sup>

A dificuldade em produzir discursos capazes de mobilizar os eleitores sem atacar o governo Lula e, ao mesmo tempo, o paradoxo de se tentar legitimar um candidato da oposição como o mais preparado para tocar as políticas públicas da situação, representou um enorme problema para o PSDB de José Serra. Com a oposição ao governo sem discurso forte, e a possibilidade cada vez maior de Dilma Rousseff vencer o pleito já no primeiro turno<sup>7</sup>, foi a atuação da imprensa que se tornou cenário de renhidas contestações nas eleições de 2010.

De fato, vários analistas, além de simpatizantes e políticos aliados, acusaram a imprensa de reunir esforços para tentar minar a candidatura do PT, por meio de reportagens tendenciosas<sup>8</sup>, a “escandalização do nada”<sup>9</sup>, e até mesmo a criação de “factoides”<sup>10</sup>. Tais crenças eram embaladas por uma declaração feita pela presidente da Associação Nacional de Jornais e executiva da *Folha de S. Paulo*, Judith Brito, e publicada n’ *O Globo*, em março de 2010:

A liberdade de imprensa é um bem maior que não deve ser limitado. A esse direito geral, o contraponto é sempre a questão da responsabilidade dos meios de comunicação e, obviamente, esses meios de comunicação estão fazendo de fato a posição oposicionista [*sic*] deste país, já que a oposição está profundamente fragilizada. E esse papel de oposição, de investigação, sem dúvida nenhuma incomoda sobremaneira o governo.<sup>11</sup>

Contrapondo-se a essa postura, a que chamaram de “golpismo midiático”<sup>12</sup>, um grupo cada vez mais articulado de blogueiros e jornalistas se fortalecia na *blogosfera*<sup>13</sup>,

---

<sup>6</sup> <http://migre.me/59AcC> e <http://migre.me/59AdQ>, <http://is.gd/mTIPsv> e <http://migre.me/59AeA>. Acesso em 01/07/2011.

<sup>7</sup> <http://www.cartacapital.com.br/politica/pesquisadores-concordes>. Acesso em 06/07/2011.

<sup>8</sup> <http://migre.me/59Afs>, <http://migre.me/59AfX>. Acesso 01/07/2011. A *ombudsman* da Folha de São Paulo também criticou a cobertura do jornal em alguns momentos: <http://migre.me/59Aht>, <http://migre.me/59Aim> e <http://migre.me/59AiV>. Acesso em 24/06/2011.

<sup>9</sup> <http://www.viomundo.com.br/politica/a-folha-e-a-escandalizacao-do-nada.html>. Acesso em 01/07/2011.

<sup>10</sup> <http://migre.me/59EC9>. Acesso em 02/07/2011.

<sup>11</sup> <http://migre.me/59AtR>, <http://migre.me/59Aup>. Acesso em 29/05/2011.

<sup>12</sup> <http://is.gd/cVh23Y>. Acesso em 03/06/2011.

<sup>13</sup> “Blogosfera é o termo coletivo que compreende todos os weblogs (ou blogs) como uma comunidade ou rede social. Muitos blogs estão densamente interconectados; blogueiros leem os blogs uns dos outros, criam enlaces para os mesmos, referem-se a eles na sua própria escrita, e postam comentários nos blogs uns dos outros. Por causa disso, os blogs interconectados criaram sua própria cultura.” <http://pt.wikipedia.org/wiki/Blogosfera>. Acesso em 30/06/2011.

disposto a sustentar uma versão diferente sobre os fatos políticos noticiados pela imprensa tradicional. Depois de surgirem como atores políticos pela primeira vez nas eleições de 2006, alguns *blogs*, agora autodeclarados “progressistas” – uma rede de blogueiros e jornalistas identificados com a esquerda política – estavam mais organizados para reagirem contra as armadilhas<sup>14</sup> que, na visão deles, eram empregadas por alguns órgãos da imprensa com o propósito de influenciar o eleitorado a votar em José Serra, o candidato mais alinhado com seus interesses corporativos.

O que até então fora apenas reconhecimento mútuo, passou a ser uma instituição. Os blogueiros Luiz Carlos Azenha, Luis Nassif, Paulo Henrique Amorim, Rodrigo Vianna e Altamiro Borges, entre outros – a maioria com longa carreira nos meios de comunicação tradicionais, outros tantos ligados à política partidária, se uniram e organizaram o 1º Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas, que ocorreu entre os dias 20 e 22 de agosto de 2010, em São Paulo, no auge da disputa eleitoral.<sup>15</sup>

As críticas dos blogueiros “progressistas” foram (e são) dirigidas ao que eles convencionaram chamar de “grande mídia”, “mídia conservadora” ou “velha mídia”, uma referência a cinco órgãos da imprensa brasileira: os jornais *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *O Globo*; a revista *Veja*; e a *TV Globo*.

Além de se encontrarem entre os veículos de maior circulação e audiência no Brasil, a escolha estaria fundamentada sobretudo na cobertura partidária, caracterizada pelo tom predominantemente negativo conferido ao governo do PT. De fato, alguns blogueiros apelidaram estes veículos como sendo integrantes do “PIG” – “Partido da Imprensa Golpista”<sup>16</sup>, pois agiriam de maneira análoga a um partido político de oposição. Mas não como um partido político qualquer: um partido de tendência “golpista”.

Desse modo, os blogueiros querem sublinhar a interferência destas empresas no jogo político com o propósito de desestabilizar o governo, o que é visto por eles, mas também por alguns intelectuais, como uma transgressão dos limites adequados para o bom

---

<sup>14</sup> Palestra de Wanderley Guilherme dos Santos no Seminário “Mídia da crise ou crise da mídia?": <http://migre.me/59Awr>, <http://migre.me/59Axa>. Acesso em 12/06/2011.

<sup>15</sup> <http://is.gd/zY4A8t>. Acesso em 02/06/2011.

<sup>16</sup> O artigo sobre o “PIG” na Wikipédia é bastante completo, sem negligenciar as fontes: <http://migre.me/59Ass>. Acesso em 03/06/2011.

exercício da prática jornalística num ambiente democrático, que se restringiria tão somente a informar e a fiscalizar.<sup>17</sup>

Outrossim, uma incógnita ainda paira sobre o grupo: até que ponto pode ser atribuída à interferência político-partidária, cujo discurso se radicalizou profundamente durante o processo eleitoral, a decisão de promover o 1º Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas, a fim de transformar um punhado de blogueiros de esquerda, dispersos pelo mundo virtual, em um grupo de pressão?<sup>18</sup> Afinal, como a dimensão ideológica (mas não só ela) auxilia a entender melhor este movimento e as tomadas de posição de seus agentes?

A temática desta pesquisa está, portanto, inserida nesse contexto de eleições presidenciais, no qual a blogosfera “progressista” assume um papel de destaque ao contestar fatos políticos noticiados por grandes empresas de comunicação do país. O enfoque privilegiará essa comunidade de blogueiros – sua formação e dinâmica interna; as influências que as lutas políticas e ideológicas, próprias das campanhas eleitorais, podem ter provocado em seu processo de institucionalização; e sua oposição à cobertura eleitoral da maneira como foi conduzida pela “grande mídia”.

O recorte cronológico do trabalho acompanha o nascimento e a consolidação da blogosfera “progressista”, desde o surgimento de seus principais agentes na internet até a realização do 1º Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas. A comparação da cobertura jornalística durante as eleições é estudada no “escândalo dos dossiês”, que teve início com uma reportagem da revista *Veja* publicada na última semana de maio de 2010, e que se manteve presente no noticiário até o primeiro turno das eleições.

\*\*\*

Ainda é difícil fazer um balanço preciso da enorme revolução que a internet significou para a vida das pessoas, inclusive para o exercício da cidadania. De qualquer maneira, num universo aparentemente tão caótico – em que rápidas mudanças nos padrões de comunicação foram introduzidas pela *world wide web*, pelo *email*, pelos *blogs* e pelas redes sociais – a importância da blogosfera, e, mais especificamente, dos *blogs*

---

<sup>17</sup> Sobre as tentativas de desestabilização promovidas pela imprensa, há uma excelente entrevista com Wanderley Guilherme dos Santos: <http://is.gd/7MfIDs>. Acesso em 22/08/2011.

<sup>18</sup> O Centro de Estudos de Segurança Pública (CESeC), em parceria com a UNESCO, publicou recentemente um estudo fazendo uma radiografia da blogosfera policial e destacando sua função como grupo de pressão. Além de servir como um canal de comunicação e desabafo, o trabalho evidencia o desconforto que os *blogs* policiais geram na hierarquia rígida que norteia as polícias civis e militares: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001852/185252por.pdf>



jornalísticos, é hoje largamente reconhecida pela bibliografia, embora a recepção pelo jornalismo tradicional não tenha sido feita sem desentendimentos, principalmente quando se está em jogo desde anunciantes e audiência, até a “verdade” que prevalecerá sobre os fatos políticos.

Porém, a história começa bem antes. Os *weblogs* surgem em 1997, quando Jorn Barger junta as palavras “*web*” (“rede”, uma abreviatura de *world wide web*) e “*log*” (cujo significado se aproxima de diário ou bloco de anotações) para nomear seu jornal *online* “*Robot Wisdom*”. Os *weblogs*, mais tarde *blogs*, eram naquela altura *sites* nos quais se hiperligava conteúdo de outros *sites*, escolhidos de acordo com as preferências de seu editor: uma sucessão de *links*, apresentados com breves comentários, mais preocupados em levar os internautas até a informação do que criar conteúdo próprio (MALINI, 2009; FOLETTO, 2008). Também é importante frisar que até aquele momento não havia um sistema específico de publicação para *weblogs*, o que exigia dos blogueiros domínio da linguagem HTML (*HyperText Markup Language*, usada para construir páginas na internet).

Apesar das limitações provocadas pela necessidade de se possuir conhecimento avançado em linguagem de programação, os *weblogs* viveram uma relativa expansão, a ponto de o blogueiro Peter Merholz, em 1999, brincar em seu *weblog*: “*we blog*” (“nós blogamos”). Inadvertidamente, a brincadeira se espalhou, e este é o nome pelo qual os *blogs* são conhecidos até hoje.<sup>19</sup>

Mas a grande inovação ainda estava por vir. Dois ou três meses depois, em agosto do mesmo ano, é lançado o primeiro *site* a oferecer um serviço de produção e hospedagem gratuita de *blogs*, o *Blogger*. Ao tornar possível a criação de um *blog* por qualquer um que tivesse acesso à internet, o *Blogger* representou o verdadeiro marco na popularização da “cultura blogueira” pelo mundo (ALMEIDA, 2009). Deste momento em diante, no que diz respeito ao leiaute, os *blogs* são reconhecidos pela atualização constante de textos ou postagens (*posts*), dispostos em ordem cronológica reversa, e com todo seu conteúdo datado e armazenado automaticamente, de modo a funcionar como um arquivo pessoal. O *blog* em geral também dispõe de um espaço para comentários dos leitores ao final de cada *post*, além de uma seção sempre à vista onde se recomenda a leitura de outros *blogs*, o *blogroll*.

---

<sup>19</sup> [http://www.economist.com/node/6794172?story\\_id=6794172](http://www.economist.com/node/6794172?story_id=6794172). Acesso em 27/06/2011.

A interface do *Blogger* também deu vazão a um universo novo até então pouco explorado pelos primeiros blogueiros: o diário *online* (MALINI, 2009). Depois de o *email* ter resgatado o hábito de trocar correspondências, agora os *blogs* se tornavam responsáveis por resgatar o costume de escrever diários. Mas com diferenças importantes: resenhas de bandas, vãs filosofias, informações de utilidade pública, curiosidades e fofocas, descrições sobre a vida pessoal, novidades na vizinhança, tudo adquiria uma dimensão pública. Além disso, as trocas de ideias proporcionadas pelos comentários dos frequentadores do *blog* permitiam um diálogo entre escritor e leitor bem diferente da relação unidimensional que existira até então entre os meios de comunicação e o público.

A partir dos ataques terroristas de *11 de setembro* nos EUA, os *blogs* tiveram pela primeira vez grande visibilidade como fonte relevante de informação jornalística (SCHITTINE, 2004; MALINI, 2009). O congestionamento causado nas linhas telefônicas e nos *sites* de notícias pelo excesso de demanda levou várias pessoas a procurarem informações atualizadas nos *blogs*. Listas provisórias de sobreviventes, por exemplo, foram disponibilizadas primeiro por blogueiros.<sup>20</sup> Parafrazeando o que dissera na ocasião um colunista norte-americano, se até então os jornalistas escreviam o primeiro rascunho bruto da história, agora os blogueiros é que estavam escrevendo este rascunho (FOLETTTO, 2008).

No Brasil, o *blog* jornalístico é incorporado maciçamente aos portais e aos *sites* dos jornais entre 2003 e 2006, sendo *O Globo* o pioneiro nessa adoção (FOLETTTO, 2009). O exemplo mais exitoso é provavelmente o do jornalista Ricardo Noblat, que começou sua carreira no mundo virtual com um *blog* esportivo no portal do *IG*, em 2004. Em março de 2005, Noblat já era remunerado exclusivamente por seu trabalho no *blog*. Pouco depois, e sem contar dois anos de existência, a chamada crise do mensalão levou seu *blog* a quebrar recordes de audiência na internet brasileira<sup>21</sup>, e o conteúdo passou a se dedicar mais aos bastidores da política. Ainda em 2005, Noblat se transferiu para *O Estado de S. Paulo*, e em 2007, ele é integrado à equipe de *O Globo*, permanecendo até hoje como um dos *blogs* de política mais acessado do país.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> <http://migre.me/59AKH>. Acesso em 02/07/2011.

<sup>21</sup> A audiência na internet é medida pela quantidade de vezes em que uma página é acessada. Sites como o *Technorati* (<http://technorati.com/>) são responsáveis por medir o número de acessos.

<sup>22</sup> <http://www.interney.net/?p=9760065>. Acesso em 05/07/2011.

Paralelamente à adoção dos *blogs* pelos veículos de comunicação tradicionais, surgem os primeiros *blogs* jornalísticos “independentes”, isto é, não vinculados a uma empresa jornalística ou a um partido político. Estes *blogs*, se não dispõem da estrutura de apoio dos grandes jornais, compensam tal deficiência com uso massivo de referências a *blogs* de fora do circuito jornalístico convencional, normalmente seguido de comentários e críticas.

A aproximação cada vez maior entre os *blogs* e o fazer jornalístico foi acompanhada de reflexões acadêmicas que amadureceram ao longo da última década, à medida que a própria prática jornalística avançava sobre o terreno da internet. As conclusões de Rebecca Blood (2003), por exemplo, enxergavam jornalismo e *blogs* como atividades distintas e incompatíveis:

Apesar de considerar os weblogs como um componente vital de uma rica dieta midiática, no fim das contas, weblogs e jornalismo são simplesmente coisas diferentes. O que os weblogs fazem é impossível para o jornalismo tradicional de reproduzir, e o que o jornalismo faz é impraticável de ser feito em um weblog. Para mim, reportar notícias consiste em entrevistar testemunhas e especialistas, checar fatos, escrever uma perspectiva original sobre um assunto, e supervisão editorial: o repórter pesquisa e escreve a história, e seu editor assegura-se de que ela está de acordo com suas expectativas. Cada passo é desenvolvido para se alcançar um produto consistente que é divulgado de acordo com os padrões da agência de notícias. Weblogs não fazem nada disso. (BLOOD, 2003 apud FOLETTTO, 2009: 45)

O ceticismo dos jornalistas, e o medo um tanto irracional de terem seu espaço roubado pelos blogueiros, alimentaram durante muito tempo um clima de hostilidade entre as duas práticas. Seguindo nessa linha, alguns autores afirmavam que os *blogs* somente poderiam realizar um tipo de “jornalismo amador”, enquanto outros restringiam os *blogs* a um tipo de jornalismo feito do público para o público, com interesses distintos do jornalismo tradicional (FOLETTTO, 2009).

Estas definições partem de uma ideia de confronto ou, no mínimo, de depreciação das mídias eletrônicas, o que é diferente, por exemplo, das reflexões do pesquisador argentino José Luis Orihuela, escritas num momento em que a disseminação das práticas jornalísticas na rede já era um fato consumado. Para ele,

Um dos mais antigos e estereis debates da blogosfera começa com a pergunta sobre se os blogs são jornalismo. Uma pergunta mal embasada que só consegue fazer encaixar o que poderia ser uma discussão interessante. Do mesmo modo que os livros não são literatura,

nem os filmes são comédias, aqui do que se trata é separar, uma vez mais, o meio do gênero [...]. Os weblogs [...] podem ser qualquer coisa, inclusive jornalismo, mas os que são jornalismo não o são por serem weblogs, mas sim, por outras razões. (ORIHUELA, 2006: 155-157)

Vários são os desafios que os *blogs* jornalísticos impuseram ao jornalismo tradicional. Em novo terreno, os jornais precisam enfrentar o duplo problema de leitores que não só criticam, mas que também produzem informação. Garavello (2009: 105) destaca:

Esta nova relação entre o público e as empresas jornalísticas gera uma série de consequências de certa forma interligadas, para os jornalistas. Em primeiro lugar, não detêm mais o monopólio de decidir o que é ou não é notícia. Em segundo, as práticas cotidianas da profissão passam a ser submetidas a escrutínio público. Em terceiro, com os novos meios existentes para que especialistas em diversos assuntos emitam sua voz, precisam tornar-se mais precisos e criteriosos sob pena de desmentidos públicos e desmoralização.

Por outra parte, rompendo um pouco com a visão idealista que algumas vezes se sustenta sobre a internet, a capacidade da mídia tradicional em “domesticar” informações, embora numa escala menor, também alcança o mundo virtual. É o que assevera o professor Marcos Palacios. Para ele, enquanto os *blogs* têm por elemento primordial “a criação de *links* com seus congêneres, num movimento de construção de comunidades de informação, que se retroalimentam, checam e comparam dados e interpretações, produzindo a multivocalidade que caracteriza a blogosfera”, os *blogs* dos grandes jornais “fazem exatamente o contrário: direcionam seus *links* quase que exclusivamente para outros veículos da mídia comercial tradicional, ignorando solenemente a blogosfera” (PALACIOS, 2006, b, *online*). E conclui:

a incorporação dos blogs como mais um gênero disponível nas edições *on-line* dos grandes jornais, algumas vezes ocorre, clara ou sub-repticiamente, como uma tentativa de apropriação redutora da ferramenta, com a criação e manutenção de blogs “caseiros” ou “fechados”, que se limitam a fazer ligações com outros itens da mídia comercial, do portal ou do próprio veículo no qual estão inseridos. Domesticidade e domesticação, parecem ser as palavras-chaves no caso brasileiro.<sup>23</sup>

No que tange mais de perto ao cenário eleitoral brasileiro, são pouquíssimos os trabalhos dedicados ao impacto da blogosfera nas eleições, menos ainda os que sublinham o

---

<sup>23</sup><http://migre.me/59DWK>. Acesso em 02/07/2011.

papel dos *blogs* de esquerda na crítica que fazem ao conservadorismo dos jornais, e nenhum que tenha estudado o movimento organizado pelos blogueiros “progressistas”.

Sobre a atuação dos *blogs* nas eleições de 2006, Bolaño e Brittos (2010) argumentam que a blogosfera se transformou em “um ambiente para circulação de informações em sentido diferenciado do fluxo da grande mídia”, onde alguns *blogs*, especialmente os jornalísticos, teriam se configurado “como um polo de reação à campanha da mídia hegemônica, de manipulação da cobertura eleitoral”. Os autores também chamam a atenção “para as possibilidades de resistência que a rede permite, apoiadas na ação crítica de um conjunto de trabalhadores intelectuais, os jornalistas”, de modo que, com os *blogs* jornalísticos, a categoria recuperaria parte do antigo ideário profissional, perdido em função da “flexibilização e enquadramento do trabalho dos jornalistas, decorrente do uso da informática nas redações”.

Ao se deterem numa matéria da revista *Carta Capital*, intitulada “Os fatos ocultos” – que desmontava a suposta farsa de um “dossiê da mídia” endereçado à candidatura do PT nas eleições de 2006 – Bolaño e Brittos escrevem a respeito de sua repercussão:

Alguns [veículos], a começar por O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e TV Globo, citados nominalmente no texto, esquivaram-se até quanto possível. Na TV Record, o Jornal da Record, na sexta feira 13, mencionou a publicação e mostrou capa e miolo da revista. A TV Bandeirantes usou informações da reportagem no Jornal da Band, sem, no entanto, citar a revista. Registros. [sic] Mas é em outro meio de comunicação que verdadeira ebulição tomou lugar. Na Internet, em seus sites e blogs, alguns jornalistas puderam opinar e estimular alguma reflexão sobre a faceta da mídia escancarada pela Carta Capital. (BOLAÑO e BRITTOS, 2010: 249-50)

A partir desta repercussão, os autores concluem que os *blogs* jornalísticos

facilitaram o debate no interior do campo jornalístico, com impacto na opinião pública, ao influenciar o trabalho dos formadores de opinião. Mais, estes últimos podem ser empregados dos grandes veículos. Mas, nos seus blogs pessoais aparecem e se comportam efetivamente como intelectuais autônomos e conquistam respeito no campo (entre seus pares) por isso. (BOLAÑO e BRITTOS, 2010: 250)

Discordando destas conclusões, apontam-se vários erros cometidos em razão de uma avaliação apressada: primeiro, explicar o que é esta tão misteriosa “opinião pública”<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> Ver: Bourdieu, “A opinião pública não existe”. Disponível em: <http://twixar.com/rhGwQDXwEID>. Acesso em 04/06/2011.

e qual o fundamento para presumirem que ela teria sido atingida pelo conteúdo das denúncias; segundo, no que o caso abordado acrescenta ao poder de repercussão dos *blogs* jornalísticos, já que se trata de uma matéria publicada numa revista convencional; e, terceiro, qual a justificativa para a crença dos autores de que os jornalistas, mesmo quando vinculados aos meios tradicionais, agiriam como “intelectuais autônomos” em seus *blogs*.

O artigo de Anderson Ortiz (2011), por sua vez, traz importantes reflexões sobre estas questões. Em meio às críticas sofridas pelas grandes empresas de mídia durante as eleições de 2010, pondo sua credibilidade em risco em alguns casos, o autor se pergunta se a internet mereceria realmente todo o crédito que nela é depositado. Ao se deparar com o antagonismo que colocaria de um lado os meios de comunicação tradicionais, concentrados nas mãos de poucos e a poucos servindo, e, de outro, a internet, descentralizada e capaz de produzir informações a custo baixo, Ortiz verifica que:

ao contrário de estarem colocados em perspectiva contraditória, os usos e as apropriações das ferramentas da internet são influenciados pela agenda midiática tradicional num vetor de continuidade. O que corrobora os achados recentes de pesquisadores da área de que mais do que encarar a emergência da internet como um fenômeno de criação de um espaço midiático independente, faz sentido analisar até que ponto as práticas dos meios tradicionais de comunicação de massa se espraiam também na rede mundial de computadores, cuja história ainda é relativamente recente se comparada à dos demais media. (ORTIZ, 2011, *online*)

Tal perspectiva, mais crítica e menos ingênua, lança por terra a visão idílica que considera a internet uma tábula rasa, sobre a qual se desenharia uma nova realidade apartada de influências exógenas. Também ajuda a dimensionar o poder relativo que detém o movimento dos blogueiros “progressistas” junto à audiência, e entender porque os *blogs* dos meios de comunicação de massa tradicionais são, a despeito de toda a mobilização dos “progressistas”, muito mais acessados.<sup>25</sup>

Por fim, o artigo de Penteadó *et al.* (2011) é o único que se propõe a de fato comparar a cobertura realizada pela imprensa e pela blogosfera nas eleições de 2010. Usando como fonte os *blogs* dos jornalistas Luiz Carlos Azenha e Luis Nassif, os autores identificam a blogosfera “como um canal alternativo no debate político-eleitoral, ampliando a discussão para além dos meios de comunicação tradicionais [...], através do fornecimento de contrainformação ao que era informado na 'velha mídia'”.

---

<sup>25</sup> <http://migre.me/5bIER>. Acesso em 05/07/2011.

A apreciação da cobertura realizada pelos dois *blogs*, no caso específico da quebra de sigilo de Verônica Serra, mereceu as seguintes considerações:

No papel de produzir contrainformação ao que era publicado na mídia tradicional, Viomundo trouxe informações e avaliações sobre o acontecimento, buscando demonstrar como a grande imprensa estava manipulando as informações em favor do candidato do PSDB, José Serra. [...] No blog Luis Nassif Online pôde-se observar um comportamento parecido, principalmente na crítica à grande mídia. O blogueiro teve um papel ainda mais atuante pois participou diretamente na desconstrução do caso, questionando as informações publicadas e a forma do enquadramento desse acontecimento. (PENTEADO *et al*, 2011: 20)

A avaliação geral do artigo é reveladora da concordância tácita dos autores com as posturas dos blogueiros:

Os blogs estudados tiveram um papel importante ao criticarem a parcialidade da cobertura da mídia tradicional, durante o processo eleitoral de 2010, mais especificamente no caso da “quebra de sigilo”. Assumiram, dessa maneira, uma postura mais questionadora e investigativa. Os blogueiros buscaram trazer uma nova interpretação para os acontecimentos, com o fornecimento de novos dados, análises e interpretações, chamando a atenção para as distorções das reportagens publicadas na grande mídia, evidenciando o seu posicionamento contrário à candidatura de Dilma Rousseff. (PENTEADO *et al*, 2011: 23)

De modo taxativo, os trabalhos acadêmicos sobre a blogosfera e a atuação dos blogueiros da esquerda política no contexto eleitoral não problematizam a ação destes agentes – sem assinalar, por exemplo, as razões que os opuseram à mídia hegemônica ou a relação íntima que vários deles mantêm com os meios que recriminam. Na falta de distanciamento, os artigos acadêmicos abordados, na realidade, apenas endossam acriticamente o discurso dos *blogs* sem problematizá-lo. O trabalho de Ortiz (2011), apesar de ter um posicionamento questionador, infelizmente não discorre sobre a cobertura dos *blogs* no processo eleitoral.

\*\*\*

Nesta pesquisa, a escolha de um marco teórico adequado teve como finalidade evitar a repetição das mesmas falhas encontradas nos trabalhos que analisaram a atuação de alguns blogueiros de esquerda sem o devido distanciamento crítico. Além disso, houve também a intenção de não fazer da teoria um fim em si mesma ou de reduzi-la a uma mera formalidade, desligada dos objetivos da pesquisa, mas que, ao contrário, aprimorasse a capacidade de análise do objeto.

Nesse sentido, Pierre Bourdieu afirma que

tomar verdadeiramente o partido da ciência é optar, aceticamente, por dedicar mais tempo e mais esforços a pôr em ação os conhecimentos teóricos adquiridos, investindo-os em pesquisas novas, em vez de os acondicionar, de certo modo, para a venda, metendo-os num embrulho de metadiscurso, destinado menos a controlar o pensamento do que a mostrar e a valorizar a sua própria importância [...]. (BOURDIEU, 1989: 59)

Como a pesquisa se restringe ao estudo da blogosfera “progressista” nas eleições de 2010 – destacando sua origem, as influências que as lutas políticas e ideológicas podem ter provocado na sua institucionalização e sua oposição à cobertura eleitoral da maneira como foi conduzida pela “grande mídia” – entre todos os conceitos aventados pelo sociólogo, interessa aqui, especialmente, o conceito de *campo*.<sup>26</sup>

Todavia, antes de abordá-lo, é necessário reproduzir o alerta que Bourdieu faz ao pesquisador incauto, prevenindo-o “contra o fetichismo dos conceitos e da teoria, que nasce da propensão para considerar os instrumentos teóricos, *habitus*, campo, capital, etc., em si mesmos, em vez de os fazer funcionar, de os pôr em ação” (BOURDIEU, 1989: 27). Na mesma linha, referindo-se à obra de Bourdieu, Zaia Brandão (2010: 229) afirma:

A proposta bourdiana de pôr em jogo as coisas teóricas, por sua vez, obriga o pesquisador a operar com os conceitos, ou seja, usá-los como ferramentas de construção dos fenômenos empíricos que constituem o foco da investigação. É, portanto, o avesso de uma prática acadêmica ainda frequente, em que discursos teóricos antecedem e se articulam a objetos de estudo pré-construídos.

Por tudo isso, os conceitos aqui são entendidos como suportes, que, mais do que reificados<sup>27</sup>, são manejados de modo a orientar o olhar do pesquisador para a perspectiva relacional do objeto. Observados estes princípios, o campo, para Bourdieu (1997: 57):

é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço

---

<sup>26</sup> A gênese dos conceitos de *habitus* e de *campo* foi resultado de um esforço de Bourdieu para estabelecer o duplo equilíbrio 1) entre o peso atribuído à ação do sujeito e à estrutura que o condiciona, e 2) entre a autonomia do fazer interno e o peso atribuído às influências exteriores. Perante esse quadro, as ponderações de Bourdieu procuravam demonstrar que 1) o sujeito não era livre para ser ou fazer aquilo que desejasse, nem totalmente aprisionado pelas determinantes do seu meio; 2) os fatores externos não comandavam tudo, nem tudo se explicava exclusivamente por meio de uma análise interna. Ao primeiro problema, Bourdieu respondeu com o conceito de *habitus*; ao segundo, com o conceito de *campo* (BOURDIEU, 1989: 61 e 64).

<sup>27</sup> Reificação, no sentido mais trivial, é uma operação mental que consiste em transformar conceitos abstratos em realidades concretas.



– que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias.

A inovação trazida pelo conceito de campo, contudo, não se restringe à descrição minuciosa da anatomia interna dos diferentes campos (jurídico, acadêmico, político etc.). Dizer que cada campo é autônomo, que “o que nele se passa não pode ser compreendido de maneira direta a partir de fatores externos”, aponta não para a inexistência de influências externas, mas para a existência de uma mediação na recepção destas influências, regulada pela lógica interna do campo (BOURDIEU, 1997: 55).

Em última análise, mais do que estabelecer as fronteiras do que é ou não campo, o que se quer, efetivamente, é que a noção de campo funcione “como um sinal que lembra o que há que fazer, a saber, verificar que o objeto em questão não está isolado de um conjunto de relações de que retira o essencial das suas propriedades” (BOURDIEU, 1989: 27).

Após estas reflexões, e se debruçando novamente sobre o objeto da pesquisa, pensar a partir da ideia de campo abre um leque de possibilidades para: 1) melhor examinar as relações estabelecidas entre os próprios agentes da blogosfera “progressista”, isto é, avaliar quais blogueiros tomaram a iniciativa de organizar o grupo, qual a posição e a origem dos recursos de cada um; 2) esclarecer qual a dimensão político-ideológica do movimento, evidenciando, por exemplo, até que ponto o 1º Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas foi influenciado por uma luta travada no campo político, radicalizada durante o processo eleitoral; e 3) mostrar as múltiplas interferências a que esteve submetida a cobertura das eleições, especialmente dos chamados “escândalos políticos”, quando confrontada a cobertura da “grande mídia” com a da blogosfera “progressista”.

Nestes questionamentos preliminares, – em que se pretende “pôr em jogo as coisas teóricas” – é especialmente visível a presença do elemento ideológico. Por ideologia se compreende um conjunto de ideias, valores, doutrinas e crenças de um determinado grupo, orientado para ações políticas e sociais, e que serve como instrumento de convencimento ou de dominação. Toda ideologia, ao seu modo, acolhe, seleciona e controla a informação.

Para Bourdieu (1989: 13), é preciso reconhecer

que as ideologias são sempre *duplamente determinadas*, – que elas devem as suas características mais específicas não só aos interesses das classes ou das frações de classe que

elas exprimem (função de sociodiceia), mas também aos interesses específicos daqueles que as produzem e à lógica específica do campo de produção.

Com isso se quer evitar, por um lado, que a produção das ideologias seja reduzida aos interesses de uma classe, ignorando o papel desempenhado pelo agente produtor e pela lógica específica do campo na produção da ideologia, e, por outro, que não se investigue as ideologias sem levar em conta as influências externas (BOURDIEU, 1989).

Três questões compõem a problemática da pesquisa:

1. O que é possível entrever a respeito das dinâmicas internas no processo de constituição da blogosfera “progressista”, desde o surgimento dos primeiros *blogs* de esquerda na internet até o 1º Encontro Nacional de Blogueiros?
2. Como a radicalização político-partidária influenciou o posicionamento e a consolidação desse grupo, culminando no 1º Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas, ocorrido durante o processo eleitoral?
3. De que maneira os blogueiros “progressistas” participaram da cobertura das eleições presidenciais de 2010, especialmente dos chamados "escândalos políticos", em comparação com a participação da “grande mídia”?

Todas as fontes usadas para a realização deste trabalho são encontradas na internet, inclusive as reportagens televisivas<sup>28</sup> – fazendo-se isso também como uma maneira de enfatizar o potencial e a viabilidade deste tipo de pesquisa histórica. Em relação às fontes escritas, elas são oriundas de: 1) notícias retiradas dos *blogs* mantidos pelos cinco principais integrantes do movimento: Luiz Carlos Azenha<sup>29</sup>, Rodrigo Vianna<sup>30</sup>, Luis Nassif<sup>31</sup>, Paulo Henrique Amorim<sup>32</sup> e Altamiro Borges<sup>33</sup>; 2) reportagens publicadas nos

---

<sup>28</sup> A maioria retirada do site <http://www.youtube.com/>. Acesso em 18/11/2011.

<sup>29</sup> <http://www.viomundo.com.br/>. Acesso em 18/11/2011.

<sup>30</sup> <http://www.rodriговиanna.com.br/>. Acesso em 18/11/2011.

<sup>31</sup> <http://www.advivo.com.br/luisnassif>. Acesso em 18/11/2011.

<sup>32</sup> <http://www.conversaafiada.com.br/>. Acesso em 18/11/2011.

<sup>33</sup> <http://altamiroborges.blogspot.com/>. Acesso em 18/11/2011.

sites dos seguintes veículos de comunicação: *Folha de S. Paulo*<sup>34</sup>, *Estado de S. Paulo*<sup>35</sup>, *O Globo*<sup>36</sup> e *Veja*.<sup>37</sup>

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, *Panorama midiático nacional*, procura-se contextualizar o funcionamento da indústria do jornalismo na atualidade, e de que maneira o fortalecimento da lógica comercial afeta o exercício da profissão e a produção de notícias. Também apresentam-se as disputas político-partidárias como não sendo mediadas, mas reproduzidas pela imprensa brasileira, que ainda não dispõe de um espaço autônomo de atuação.

No segundo capítulo, *O surgimento da blogosfera “progressista”*, são revelados os bastidores do movimento, apresentados seus principais agentes, e sublinhado de que maneira a origem dos recursos de cada um dos blogueiros influenciou a direção tomada pelo grupo, até o advento do 1º Encontro Nacional de Blogueiros “Progressistas”. É também dedicado espaço para narrar a trajetória de Luis Nassif, a fim de mostrar como um agente atua e se movimenta frente às regras silenciosas e aos condicionantes que cercam a atividade jornalística. Além disso, são destacadas as principais bandeiras defendidas no 1º Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas, e a repercussão na imprensa tradicional sobre o acontecimento. Nele se pretende responder às duas primeiras questões da pesquisa.

No terceiro capítulo, *A cobertura do “escândalo dos dossiês”*, são comparadas a cobertura da blogosfera “progressista” e a da “grande mídia” no episódio, mostrando como cada um dos lados expõe sua versão sobre os acontecimentos, e até que ponto suas preferências políticas interferem na elaboração das notícias. Nele se pretende responder à terceira questão do trabalho.

---

<sup>34</sup> <http://www.folha.uol.com.br/>. Acesso em 18/11/2011.

<sup>35</sup> <http://www.estadao.com.br/>. Acesso em 18/11/2011.

<sup>36</sup> <http://oglobo.globo.com/>. Acesso em 18/11/2011.

<sup>37</sup> <http://veja.abril.com.br/>. Acesso em 18/11/2011.

## 1. PANORAMA MIDIÁTICO NACIONAL

Para Bourdieu (1997), entre todas as áreas ligadas à produção cultural, o jornalismo é aquela que está mais estruturalmente sujeitada à lógica de mercado. Por esse motivo, sua dependência externa – medida em número de vendas avulsas e de assinantes, pressão dos anunciantes, etc. – reforça no jornalismo cada vez mais o que há de “comercial” em detrimento da pureza da atividade jornalística, ao privilegiar “os produtores mais sensíveis às seduções dos poderes econômicos e políticos à custa dos produtores mais aplicados em defender os princípios e valores da profissão” (BOURDIEU, 1997: 104).

Isso tanto é verdade em matéria de poder e prestígio dos jornais, quanto no que concerne aos jornalistas. De fato, são poucos os jornalistas políticos prestigiados que não tenham relações próximas com agentes do campo político. Os mais destacados analistas são aqueles que acompanham os bastidores do poder de muito perto (muitas vezes em prejuízo de sua autonomia profissional), o que pode ser exemplificado com as brigas internas entre eles, com troca de acusações de praticar *lobby*<sup>38</sup>, ou de estar a soldo de um partido político.<sup>39</sup> Tais querelas sinalizam as práticas escusas, as interferências externas e a existência de matérias ou notas pagas.

Ainda de acordo com Bourdieu (1997), historicamente a prática jornalística se foi constituindo, ainda no séc. XIX, em torno de dois tipos de jornais: os sensacionalistas, legitimados pelas receitas provenientes de um grande público leitor; e os analíticos, que argumentavam em sua defesa a “objetividade” e cuja legitimação estaria no reconhecimento dos princípios internos da atividade por seus pares, capazes de enxergar os “valores” de distinção. Contudo, por ocasião de disputa entre os dois tipos, o jornalismo, muito mais dependente das estratégias comerciais, capitula às leis do mercado. A sujeição pode se dar tanto mediante a sanção direta da clientela (leitores, anunciantes), quanto da sanção indireta, medida pelos índices de audiência (podendo ser abrandada quando há ajuda do Estado).<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> <http://is.gd/6BGNbS> e <http://is.gd/UJNveH>. Acesso em 18/11/2011.

<sup>39</sup> <http://veja.abril.com.br/060906/mainardi.html> e <http://is.gd/l7msVX>. Acesso em 18/11/2011.

<sup>40</sup> No Brasil, a ajuda a meios de comunicação até muito recentemente se resumia aos grandes monopólios, como o resgate da *Globo* com o auxílio do BNDES em 2002: <http://is.gd/gPGtSH>. Entretanto, desde 2003,

A lógica comercial é, portanto, constantemente reforçada, sendo responsável, em grande medida, pela redução das escolhas possíveis aos vereditos do mercado, cujas diretrizes cada vez mais orientam a atividade dos jornalistas. Exemplo do recrudescimento desta lógica no ambiente de negócios da imprensa nacional é o testemunho do jornalista e blogueiro Luis Nassif, durante muitos anos colunista e editor da *Folha de S. Paulo*:

nos anos 90 e nesta década entre 2000 e 2010, ao menos até agora, ocorreu uma confluência de fatores que piorou muito o ambiente midiático.

Tivemos, de um lado, a crise das empresas jornalísticas, que cometeram o que chamamos de ato de fraqueza como forma de não só saírem da crise como também de enfrentarem um outro cenário adverso que viria pela frente. Cederam à mídia internacional, com grandes grupos entrando e um novo padrão sendo introduzido — e nossos homens da mídia eram sempre acostumados com um ambiente fechado, sem uma visão estratégica para sobreviver num ambiente de competição.

Isso levou a um pacto de autodefesa entre esses grupos, porque eles precisariam fazer parcerias também com grandes investidores. É aí que aparece a figura dos banqueiros dos anos 90, alguns bem barra-pesada, que passam a ser uma das boias de salvação da mídia. E aí você vende a alma. Quando você vende a alma e tem essa falta de critério jornalístico em algumas publicações, você dá tanto poder para seus diretores que eles saem do próprio controle da organização.<sup>41</sup>

Bourdieu (1997) também destaca a progressiva decadência do “prestígio” que cerca os jornais e os jornalistas “sérios” dentro da imprensa, cujo apanágio já não é mais suficiente para enfrentar as seguidas concessões que são obrigados a fazer aos imperativos do mercado.

Luiz Alberto Grijó (2011), ao avaliar a transposição do modelo teórico de Bourdieu – sobre o campo jornalístico francês – para o cenário jornalístico brasileiro, argumenta que as companhias midiáticas nacionais

não têm conseguido impor a si mesmas um modo próprio de produção [...]. Ou seja, se percebe que no caso brasileiro historicamente se foram constituindo inúmeros entraves a uma autonomia específica do mundo da produção midiática, à formação de um “campo jornalístico”. (GRIJO, 2011: 2)

---

uma das políticas do governo Lula foi a ampliação do número de veículos de mídia (a maioria *blogs*, rádios comunitárias e pequenos jornais) que recebem publicidade oficial. Segundo reportagem da *Folha de S. Paulo*, de aproximadamente 499 para mais de 8 mil veículos: <http://is.gd/r1tWL5>. Acesso em 15/10/2011.

<sup>41</sup> <http://is.gd/1fSsYh>. Acesso em 12/10/2011.

Mesmo que as empresas nacionais tenham importado padrões técnicos e modelos de negócios dos países centrais, aqui a autonomia jornalística se encontra prejudicada quando comparada com estes mesmos países:

é sabido que alguns jornais norte-americanos, por exemplo, costumam editorialmente posicionar-se quando dos pleitos eleitorais. Isso, porém, sem prejuízo ou interferência maiores na prática jornalística em si dos profissionais e dos veículos. Na França, por outro lado, muitos periódicos se identificam com essa ou aquela posição político-ideológica e isso é explicitamente expresso por eles mesmos e reconhecido pelos cidadãos em geral, o que também não impede o exercício jornalístico em bases próprias, como muito bem mostra o próprio Bourdieu (1997). O que ocorre no caso brasileiro é que o discurso do profissionalismo, o qual contempla as questões da independência, imparcialidade e objetividade, juntamente com a “missão” autoapregoadas pelas empresas de comunicação de levar à “opinião pública” a suposta “verdade dos fatos”, a “informação” e se erigirem em baluarte e bastião da “liberdade de expressão” e da “democracia” [...], finda por se tornar uma cortina de fumaça que não exatamente encobre, mas funde e confunde o que seriam especificidades e interesses jornalístico-empresariais com os político-partidários. (GRIJO, 2011: 4)

Grijó defende que a imprensa brasileira não consegue manter um espaço próprio autônomo e institucionalizado como existe na França ou nos EUA, por exemplo. Isso fica muito claro nos momentos de crise e durante os pleitos eleitorais. Com o intuito de demonstrar sua tese, o autor se detém no episódio conhecido como “escândalo da bolinha de papel”, ocorrido durante as eleições presidenciais de 2010. Mas, primeiro, uma digressão sobre o caso:

No dia 20 de outubro de 2010, faltando pouco mais de 10 dias para o primeiro turno das eleições, José Serra e sua comitiva realizavam uma passeata no Rio de Janeiro, quando militantes do seu partido, o PSDB, cruzaram com militantes do PT. Houve tumulto. Serra teria sido atingido na cabeça por um objeto arremessado por petistas e se retirado, aparentemente machucado, para se submeter a uma tomografia, realizada por um médico filiado ao seu partido e aliado político.

A partir daí, uma guerra de versões surgiu na mídia televisiva, se espalhando pela internet. Na mesma noite, no Jornal Nacional da *TV Globo*, foi veiculada a versão de que José Serra teria sido agredido por militantes petistas. Na reportagem, é explorada a versão de que o tumulto teria sido provocado por militantes do PT. José Serra teria sido atingido por uma bobina de fita crepe, e, sem condições de prosseguir na caminhada, se dirige a uma clínica médica.

A agressão não aparece registrada em vídeo, mas é sustentada por meio de uma foto em que José Serra está com as mãos na cabeça, tirada por um fotógrafo do jornal *O Globo*. Na sequência, há uma longa declaração do presidenciável (sem nenhum ferimento aparente), enfatizando que não faz política com violência e ódio, e que a manifestação teria sido premeditada. A defesa do PT é feita mediante a leitura de uma nota pelos âncoras do telejornal, esclarecendo que o partido é contra a violência.<sup>42</sup>

A versão do SBT, no entanto, enfatiza que o tumulto ocorreu entre cabos eleitorais dos dois partidos (sem imputar a responsabilidade aos militantes do PT, como na versão da *Globo*). Logo no início, é dado destaque para um cartaz com os dizeres “Quem é Paulo Preto?” (um correligionário de Serra acusado de desviar dinheiro da campanha)<sup>43</sup>, e na reportagem é mostrada uma sequência de acontecimentos diferente: José Serra é atingido por uma bolinha de papel, ameaça ir embora por causa dos tumultos mas retorna, e só põe a mão na cabeça após receber um telefonema, mais de 20 minutos depois de ser atingido, quando desiste da caminhada. Na sequência, o repórter informa que José Serra passou mal e foi atendido numa clínica particular, e a imagem da bolinha atingindo sua cabeça é reproduzida novamente quando o médico que lhe atendeu indica a região posterior do crânio, que fora supostamente atingida pelo objeto, coincidentemente a mesma da bolinha, e que o candidato teria ficado com náuseas.<sup>44</sup>

No site da *Folha de S. Paulo*, horas antes dos jornais televisivos irem ao ar, fora mencionado que um rolo de fita adesiva teria atingido Serra “na testa, logo acima do olho direito”<sup>45</sup>, diferente do que disse seu médico na TV. Já a versão de Índio da Costa, candidato a vice de José Serra, proferida na mesma noite durante evento do partido, é de que o objeto deveria ter uns “2 quilos”. O ato foi classificado por ele como “desespero” do PT.<sup>46</sup>

Ainda naquela noite, uma reação à versão dos acontecimentos apresentada pela *TV Globo* irrompe na internet. Ao replicar em seu *blog* reportagem publicada originalmente no *blog Amigos do Presidente Lula*, que acusava José Serra de tentar um “golpe midiático”, o

---

<sup>42</sup> <http://is.gd/kIWDCR>. Acesso em 13/10/2011.

<sup>43</sup> <http://is.gd/PC4A9R>. Acesso em 13/10/2011.

<sup>44</sup> <http://is.gd/YOsQSZ>. Acesso em 13/10/2011.

<sup>45</sup> <http://is.gd/PC4A9R>. Acesso em 13/10/2011.

<sup>46</sup> <http://is.gd/98UYiA>. Acesso em 13/10/2011.

jornalista e blogueiro Paulo Henrique Amorim não só endossa esta versão como afirma, inspirado por um leitor, que Serra teria apelado para o “golpe do Rojas”:

Roberto Antonio Rojas Saavedra ficou mundialmente conhecido após o episódio do “foguetes do Maracanã”, quando fingiu ter sido atingido por um fogo de artifício num jogo entre Brasil e Chile. Rojas temia que seu time fosse desclassificado pelo Brasil nas Eliminatórias para a Copa do Mundo de 1990; então, com o zagueiro Fernando Astengo, bolou um plano para tentar impedir isso. Consistia em pedir o cancelamento da partida por falta de segurança. Rojas entraria em campo com um “prestobarba” escondida na luva e, em determinado momento, cortaria o próprio rosto, fingindo que uma pedra o haveria atingido. O foguete, portanto, foi apenas uma coincidência. No entanto, com a farsa descoberta, Rojas acabou banido da prática do futebol.<sup>47</sup>

No dia seguinte, Lula<sup>48</sup> e Dilma<sup>49</sup> fizeram manifestações comparando Serra a Rojas, claramente se valendo do discurso construído na blogosfera “progressista” para criticar o adversário político. Ao longo do dia 21 e 22 de outubro, a *hashtag*<sup>50</sup> #Serrojas e #globamente se revezaram como os dois tópicos mais comentados do *twitter* mundial, estimulando a curiosidade de estrangeiros para saber do que se tratava.<sup>51</sup>

Importante destacar que outros *blogs*, como o de Rodrigo Vianna, Luis Nassif e Luiz Carlos Azenha foram mais cautelosos do que o de Paulo Henrique Amorim para endossar a suposta versão “golpista” da *TV Globo*, mas com o desenrolar dos acontecimentos (e com novas informações sendo reveladas) acabaram anuindo também a esta versão.

No dia 21 a história ganha um novo capítulo com a tentativa da *TV Globo* de sustentar sua versão dos acontecimentos mais uma vez no *Jornal Nacional*. Sem ignorar a bolinha de papel da reportagem do SBT do dia anterior, reproduzida na nova reportagem, é defendida a tese de que José Serra fora atingido por um segundo objeto, versão corroborada por imagens em baixa qualidade filmadas num celular pelo repórter Ítalo Nogueira, da *Folha de S. Paulo*.

---

<sup>47</sup> <http://www.conversaafiada.com.br/brasil/2010/10/20/serra-tenta-o-golpe-do-rojas/>. Acesso em 13/10/2011.

<sup>48</sup> <http://is.gd/SvpyTM>. Acesso em 10/10/2011.

<sup>49</sup> <http://is.gd/ryifOO>. Acesso em 09/10/2011.

<sup>50</sup> “*Tags* são palavras-chave (relevantes) ou termos associado a uma informação. *Hashtags* são palavras-chave antecedidas pelo símbolo “#”, que designam o assunto o qual está se discutindo em tempo real no *Twitter*. As *hashtags* viram hiperlinks dentro da rede e indexáveis pelos mecanismos de busca. Sendo assim, usuários podem clicar nas *hashtags* ou buscá-las em mecanismos como o *Google* para ter acesso a todos que participaram da discussão”. In: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hashtags>. Acesso em 07/10/2011.

<sup>51</sup> <http://is.gd/mt0r16> e <http://is.gd/pFdJKS>. Acesso em 09/11/2011.



O primeiro fato que chama atenção é o tempo despendido para “provar” que José Serra fora realmente atingido: sete minutos do telejornal foram dedicados ao tema. A narração que acompanha as péssimas imagens do vídeo procura transmitir a ideia de que Serra é atingido por um objeto transparente e que logo depois põe a mão na cabeça. Na sequência, um perito, Ricardo Molina, é convocado para atestar a veracidade das imagens, concluindo que se tratava de uma bobina de fita crepe. José Serra é então chamado para mais uma vez se defender e negar ter simulado a agressão. Ninguém da campanha de Dilma é convocado para prestar esclarecimentos.<sup>52</sup>

O jornalista e blogueiro Rodrigo Vianna, ex-funcionário da *TV Globo*, ficou sabendo, por meio de antigos colegas da redação de São Paulo, que a exibição da matéria sobre Serra e a bobina de fita crepe no *Jornal Nacional*, toda ela editada e produzida na sucursal do Rio de Janeiro, havia sido recebida com incredulidade e vaias da equipe paulista.<sup>53</sup>

No dia 22, José Antônio Meira da Rocha, professor de Jornalismo Gráfico da Universidade Federal de Santa Maria, publica em seu *site* pessoal um texto com imagens quadro a quadro, apontando a inexistência de qualquer rolo de fita crepe no vídeo gravado pelo celular do repórter da *Folha de S. Paulo* apresentado no *Jornal Nacional*.<sup>54</sup> Segundo ele, o objeto na verdade é um *artifact* de compressão de vídeo<sup>55</sup>, “um defeito de compressão que aparece como um quadrado de bordas bem definidas, retas, com o interior borrado e difuso”. O professor conclui, ao acompanhar as imagens, que não é possível identificar a trajetória de qualquer objeto atingindo José Serra.<sup>56</sup> Aos olhos de Meira da Rocha, a manipulação é tão grosseira e facilmente descoberta, que ele se pergunta por que duas empresas de mídia colocariam sua credibilidade em risco tão levemente:

Toda a produção jornalística pode ser digitalizada. Tudo o que é publicado está à mercê de chatos que salvam, gravam, colecionam, digitalizam com plaquinhas de 120 reais. Como eu, que gosto de gravar TV na minha Pixelview PlayTV Pro. Por isso, hoje, é inconcebível que a grande imprensa, sofrendo há muito com as mudanças provocadas pela digitalização, tente enganar seu digitalizado público com armações grotescas como esta aprontada pelo *Jornal Nacional* de 2010-10-22, com ajuda da *Folha.com* e do repórter Ítalo Nogueira.

<sup>52</sup> <http://www.youtube.com/watch?v=dc6bVdbBVPU>. Acesso em 22/10/2011.

<sup>53</sup> <http://is.gd/ReQHdg>. Acesso em 22/10/2011.

<sup>54</sup> <http://is.gd/j8v5w6>. Acesso em 22/10/2011.

<sup>55</sup> [http://en.wikipedia.org/wiki/Compression\\_artifact](http://en.wikipedia.org/wiki/Compression_artifact). Acesso em 25/10/2011.

<sup>56</sup> <http://decom.cesnors.ufsm.br/jornalismo/2010/10/23/e-serra-na-fita/>. Acesso em 19/10/2011.

Será que a velha mídia não se dá conta que qualquer pessoa pode gravar TV e passar quadro-a-quadro? E que, fazendo isto, a pessoa pode ver que não há nenhum rolo de fita crepe sendo atirado contra o candidato José Serra? Que o detalhe salientado em zoom numa extensa matéria de 7 minutos não passava de um artifact de compressão de vídeo sobreposto à cabeça de alguém ao fundo? Que não se vê no vídeo quadro-a-quadro nenhum objeto indo ou vindo à cabeça do candidato?<sup>57</sup>

Na realidade, tal atitude é verossímil quando se atenta para o grau de concentração e concertação da mídia no Brasil, uma vez que o retorno da democracia ao nosso país não foi acompanhado pela democratização e regulamentação dos meios de comunicação.<sup>58</sup>

O blog *Acerto de Contas* aponta uma razão adicional:

A versão forjada pelo JN teve três funções básicas: 1 – evitar a desmoralização de Serra (notadamente seu preferido); 2 – evitar sua própria desmoralização; 3 – **produzir munição para os demais veículos de imprensa e seus colunistas, que puderam se sentir à vontade para reproduzir o fato como se fosse verdade inconteste.**

Vejam os três exemplos de repetição acrítica da versão do JN. Cito uma colunista da Globo, uma da FSP e outra do Estadão.

1 – Miriam Leitão, em sua coluna de ontem:

“Desta vez, foi uma pedra na cabeça de uma jornalista, e o rolo de fita na cabeça do candidato José Serra. Esse episódio deve ser visto pelo risco potencial de conflito generalizado. As imagens falam por si.”

2 – Renata Lo Prete, no Painel de ontem, na FSP:

“À noite, depois da fala de Lula, o “Jornal Nacional” desmontou essa versão.”

3 – Dora Kramer, colunista do Estadão:

“Foram duas imagens captadas em dois momentos diferentes, comprovou-se ao longo do dia.” (grifos nossos)<sup>59</sup>

No terreno da grande imprensa nacional, poucas informações que surjam fora dos seus circuitos têm condições de virar notícia se não estiverem de acordo com seus interesses, não só econômicos e de mercado, mas também políticos, o que prejudica sua tão autodeclarada imparcialidade e autonomia. A internet no Brasil se torna, portanto, um espaço com maior relevância para a promoção da diversidade, já que a grande imprensa está fechada sobre si mesma e aparentemente não há vontade política para levar adiante o debate sobre a regulamentação da área das comunicações.

---

<sup>57</sup> <http://is.gd/OGCacz>. Até mesmo o especialista Ricardo Molina é posto em suspeição, já que sofreu um processo administrativo na UNICAMP por “irregularidades administrativas” e demitido, mas reconduzido ao cargo no mês seguinte por força de uma decisão judicial. Também é criticado por fazer declarações na mídia sobre a Perícia Criminal Oficial sem nunca ter sido um perito deste quadro técnico: <http://is.gd/7OzmaL>. Outros vídeos postados no *youtube*, dão conta de críticas às conclusões de Molina e aponta a junção de dois vídeos para aparentar que Serra leva as mãos à cabeça logo depois de supostamente ter sido atingido pelo rolo de fita: <http://is.gd/B2e0DU> e <http://is.gd/9gUo4y>. Acesso em 01/11/2011.

<sup>58</sup> O projeto donos da mídia tem como objetivo dar publicidade a esses dados: <http://is.gd/0IHwM>. Também: <http://is.gd/zuaNTR> e <http://is.gd/Q6BNZU>. Acesso em 02/11/2011.

<sup>59</sup> <http://is.gd/VsxiHh>. Acesso em 02/11/2011.

De fato, a discussão provocada pelo episódio da “bolinha de papel” na internet pouco ou nada impactou os grandes veículos de comunicação. Para alguns analistas isso explicaria, entre outras coisas, por que no Brasil o *twitter* tem um papel estatisticamente mais destacado entre os internautas do que em outros países. Em artigo publicado na revista *Time*, o brasileiro James Green insinua que uma das razões do sucesso do *twitter* por aqui é a falta de diversidade na mídia.<sup>60</sup>

Contudo, reconhecer este quadro não significa alinhamento automático com nenhum dos agentes analisados neste trabalho, nem ignorar o modo através do qual os blogueiros “progressistas” pretendem construir e sustentar seu discurso. Também não significa fechar os olhos para as contradições de blogueiros vinculados à “grande mídia” que tanto criticam, ou a participação cada vez maior do governo no financiamento do movimento. Também não se pretende fazer vistas grossas ao alinhamento das ideias de alguns blogueiros para ficarem mais de acordo com as expectativas do público de seus *blogs*, opiniões vinculadas talvez mais aos desejos do seu mercado do que às suas próprias convicções ideológicas.

Retornando à tese defendida por Grijó em seu artigo, após criticar vários pesquisadores que defendem a existência de um campo jornalístico no Brasil simplesmente transpondo modelos teóricos usados por Bourdieu para o caso francês, sem averiguar empiricamente as condições subjetivas e objetivas para sua realização no caso brasileiro, ele conclui que os jornalistas envolvidos na cobertura do “escândalo da bolinha de papel”, fossem da “grande mídia”, fossem da blogosfera “progressista”, abandonaram a linha que demarca sua atuação profissional para reproduzir a disputa político-eleitoral daquele momento:

É nesse sentido que a disputa aparentemente jornalística em torno das versões que envolveram o episódio da bolinha de papel de Campo Grande era na verdade uma disputa pura e simplesmente político-partidária [...]. À época faltavam poucos dias para a eleição. O candidato Serra continuava atrás nas pesquisas de intenção de votos, pelo que, na lógica dos marqueteiros de sua campanha, precisava de algo que pudesse fazer “virar o jogo”. Assim, a versão “objeto pesado” vinha ao encontro do que pretendiam os seus apoiadores, enquanto que a versão “bolinha de papel” vinha ao encontro do que queriam seus adversários. Na primeira Serra seria vítima da violência dos petistas, na linha da argumentação apresentada pela revista *Veja*, a qual faz uma matéria que, senão encomendada diretamente, totalmente de acordo com as pretensões dos articuladores da campanha de Serra; na segunda versão o candidato seria um simulador descarado, como o goleiro chileno o fora no Maracanã, alguém capaz de qualquer expediente para vencer as eleições. No jogo do fazer-creer da

---

<sup>60</sup> <http://www.time.com/time/world/article/0,8599,2026442,00.html>. Acesso em 03/11/2011.

disputa eleitoral político-partidária a imprensa findou por não se posicionar desde fora dela, mas, nela visceralmente inserida enquanto um agente ativo. Ela foi incapaz de sustentar jornalisticamente o que seria uma disputa caracteristicamente jornalística. A imprensa acabou por simplesmente refletir em seus posicionamentos o que se disputava no âmbito da política partidária. (GRIJÓ, 2011: 10-11)

Tais conclusões apontam em dois sentidos: por um lado, que as denúncias de “golpismo” da mídia, ou seja, que ela agiria como um “partido político da oposição”, tem algum fundamento. O próprio Wanderley Guilherme dos Santos reconheceu isto, ao afirmar que a mídia por aqui tem o poder de desestabilizar governos, com um peso de interferir no jogo político só comparável aos próprios partidos políticos e às forças armadas.<sup>61</sup> Por outro lado, a conclusão também aponta para a reprodução da mesma lógica da “grande mídia” pelos blogueiros “progressistas”, que foram incapazes de separar a disputa eleitoral do exercício da sua atividade jornalística.

Nesta competição em que não há mocinhos nem bandidos, quem perde são os cidadãos, pois não dispõem de um importante espaço público para qualificar o debate. Isso foi especialmente visível nas eleições de 2010, sobretudo no segundo turno, quando uma pauta religiosa e antiabortista tomou conta do noticiário. A imprensa e os blogueiros, no lugar de qualificarem a discussão, ficaram reféns dos ataques que um candidato desferia ao outro, agindo como “torcidas de futebol”: uma enfatizando que Dilma era atea e favorável ao aborto, outra afirmando que a esposa de José Serra havia realizado o procedimento.

Mas há, evidentemente, uma assimetria notória nesta comparação: o tamanho das torcidas.

---

<sup>61</sup> <http://is.gd/QOARJD>. Acesso em 03/11/2011.

## 2. O SURGIMENTO DA BLOGOSFERA “PROGRESSISTA”

A blogosfera “progressista” surge da iniciativa de blogueiros que perceberam uma convergência cada vez maior na defesa do governo Lula e da candidatura de Dilma Rousseff, por parte dos *blogs* de esquerda, com o acirramento da disputa eleitoral. A ideia de realizar um encontro de blogueiros não era nova, mas a luta contra uma imprensa identificada, na visão dos blogueiros “progressistas”, como um verdadeiro partido político, e que fazia de tudo para favorecer seu candidato, serviu-lhes de mote para uni-los sob uma bandeira comum. Dada a realidade midiática nacional, com uma mídia autocentrada e de perfil predominantemente conservador, sem a diversidade ideológica e a autonomia de atuação vistas em outros países, a internet foi encarada por muitos destes blogueiros como um espaço libertário, capaz de dar voz a grupos que até hoje não têm representatividade nas mídias tradicionais.

Como defende um deles, Altamiro Borges, a consolidação da “grande mídia” remonta à estrutura idealizada pela ditadura militar, e, portanto, à lógica oligopólica e centralizada que os militares imaginaram para estes veículos em nome da segurança nacional.<sup>62</sup> Nassif, por sua vez, destaca que a atuação dos *blogs* nas eleições de 2006 marcou “definitivamente o fim do poder absoluto da grande mídia sobre o mercado de opinião brasileiro”, o “fim do oligopólio da opinião”<sup>63</sup>, enquanto que, para Rodrigo Vianna, a blogosfera “progressista” “é um contraponto, eles [a “grande mídia”] já não falam mais sozinhos”.<sup>64</sup>

O processo eleitoral foi, portanto, um momento de unificação de discursos dos blogueiros “progressistas” em torno da defesa da candidatura de Dilma Rousseff. O “primeiro time” de blogueiros é composto por cinco integrantes: Luiz Carlos Azenha, Rodrigo Vianna, Paulo Henrique Amorim, Luis Nassif e Altamiro Borges.

---

<sup>62</sup> <http://is.gd/Q6BNZU>. Acesso em 09/11/2011.

<sup>63</sup> <http://is.gd/Hslv3Z>. Acesso em 09/11/2011.

<sup>64</sup> <http://is.gd/5xI6Lp>. Acesso em 09/11/2011.

## 2.1 O “primeiro time” de blogueiros

Luiz Carlos Azenha começou sua carreira em Bauru, interior de São Paulo. Teve passagens pela *TV Bauru* (afiliada da rede *Globo*), *Manchete* e pela *TV Globo*, com a qual rescindiu antecipadamente seu contrato em 2007.<sup>65</sup> A partir daí seu *blog Vi o Mundo*, iniciado em 2003, é hospedado em endereço próprio (PENTEADO *et al*, 2011: 16). Na nota à imprensa, Azenha esclarece as razões de sua decisão:

Até um pedido de entrevista recebi sobre a saída deste site da Globo.com. O fato é que o site não saiu. Tenho um contrato. Posso rompê-lo. A Globo.com também. Vamos à verdade factual: o projeto de um novo site eu venho desenvolvendo desde que pedi rescisão antecipada de meu contrato com a TV Globo, no início de 2007. Dentro da Globo tinha gente achando que era brincadeira. E eu dizia que era sério. Eu acho que o futuro do Jornalismo está na internet. Profissionalmente, não há salário que pague a liberdade de escrever o que me der na telha, o que me coloca 95% das vezes em confronto com o que o Jornalismo das Organizações Globo passou a representar. Houve uma clara mudança interna, uma guinada à extrema-direita. Os incomodados que se mudem? Eu mudei.<sup>66</sup>

Além de manter seu *blog*, Azenha trabalha também como repórter para a *TV Record* e como codiretor e responsável pelo projeto editorial da série *Nova África*, para a *TV Brasil*, desde 2009.<sup>67</sup>

Rodrigo Vianna trabalhou na *TV Globo* de 1995 a 2006, quando foi demitido. Na ocasião, escreveu um texto acusando a *TV Globo* de não ter tratado com isonomia os candidatos na cobertura das eleições de 2006, e que sua demissão e a de outros jornalistas, como Franklin Martins, teria por fim afastar as “poucas vozes dissonantes” que restavam.<sup>68</sup>

Acompanhei de perto a chegada de Evandro Carlos de Andrade ao comando da TV, e a tentativa dele de profissionalizar nosso trabalho. Jornalismo comunitário, cobertura política - da qual participei de 98 a 2006. Matérias didáticas sobre o voto, sobre a democracia. Cobertura factual das eleições, debates. Pode parecer bobagem, mas tive orgulho de participar desse momento de virada no Jornalismo da Globo. Parecia uma virada. Infelizmente, a cobertura das eleições de 2006 mostrou que eu havia me iludido. O que vivemos aqui entre setembro e outubro de 2006 não foi ficção. Aconteceu. [...]

<sup>65</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz\\_Carlos\\_Azenha#cite\\_ref-ve\\_0-1](http://pt.wikipedia.org/wiki/Luiz_Carlos_Azenha#cite_ref-ve_0-1). Acesso em 09/11/2011.

<sup>66</sup> <http://is.gd/blV96n> e <http://is.gd/LhpRXh>. Acesso em 09/11/2011.

<sup>67</sup> <http://is.gd/IKh6Bk> e <http://tvbrasil.ebc.com.br/novaafrica/category/equipe/>. Acesso em 10/11/2011.

<sup>68</sup> <http://noticias.uol.com.br/ultnot/2006/12/20/ult23u280.jhtm>. Acesso em 10/11/2011.

Intervenção minuciosa em nossos textos, trocas de palavras a mando de chefes, entrevistas de candidatos (gravadas na rua) escolhidas a dedo, à distância, por um personagem quase mítico que paira sobre a Redação: "o fulano (e vocês sabem de quem estou falando) quer esse trecho; o fulano quer que mude essa palavra no texto".<sup>69</sup>

Estas intervenções na cobertura, segundo Vianna, eram provocadas deliberadamente para favorecer o candidato Geraldo Alckmin, do PSDB, como ele exemplifica no escândalo conhecido como a "máfia dos sanguessugas", que começara no governo tucano de Fernando Henrique Cardoso e que continuara no governo petista de Lula:

Também não vi (antes do primeiro turno) reportagens mostrando quem era Abel Pereira, quem era Barjas Negri, e quais eram as conexões deles com PSDB. Mas vi várias matérias ressaltando os personagens petistas do escândalo. E, vejam: ninguém na Redação queria poupar os petistas (eu cobri durante meses o caso Santo André; eram matérias desfavoráveis a Lula e ao PT, nunca achei que não devêssemos fazer; seria o fim da picada...). O que pedíamos era isonomia.

Tal entendimento foi rechaçado numa nota assinada pelo diretor de jornalismo da *Globo* de São Paulo, Luiz Cláudio Latgé, que acusa Rodrigo Vianna de endossar teses de "jornalistas mal-intencionados" para tentar sair como "mártir", tentando "transformar um assunto funcional interno numa questão política, que jamais existiu".<sup>70</sup>

Em 2007, Rodrigo Vianna foi integrado à equipe de jornalismo da *TV Record*, além de manter seu blog, *Escrevinhador*, que edita há três anos.<sup>71</sup>

Paulo Henrique Amorim, com extensa carreira em jornais e TVs, foi funcionário da *TV Globo* de 1984 a 1996, e desde 2002 trabalha para a *TV Record*. Até 2006 manteve o blog *Conversa Afiada* no portal do *iG*, controlado pela Brasil Telecom, juntamente com outros jornalistas identificados com o governismo (Mino Carta, e, mais tarde, Luis Nassif), que também foram afastados ou não tiveram seus contratos renovados.<sup>72</sup> Após a fusão da Brasil Telecom com a *Oi*, houve uma mudança na diretoria do *iG*, e Paulo Henrique Amorim foi demitido, acusando a nova diretoria de "limpeza ideológica":

---

<sup>69</sup> <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1309377-EI6584,00.html>. Ao que tudo indica, o "fulano" criticado por Rodrigo Vianna é Ali Kamel, diretor da Central Globo de Jornalismo, como pode ser deduzidos dos seguintes textos: <http://is.gd/kfCEd1>, <http://is.gd/pINuJh> e <http://is.gd/7bcHPZ>. Acesso em 16/11/2011.

<sup>70</sup> <http://noticias.uol.com.br/ultnot/2006/12/20/ult23u280.jhtm>. Acesso em 09/11/2011.

<sup>71</sup> <http://www.metodistademinas.edu.br/ead/noticia004.html>. Acesso em 07/11/2011.

<sup>72</sup> <http://www.implicante.org/pig/nassif-servicos-demissoes-processos/>. Acesso em 07/11/2011.

Eu estava gravando um programa de três blocos chamado Entrevista Record, da Record News. No intervalo do segundo para o terceiro bloco – como trocava de entrevistado e eu tinha um pouco mais de tempo -, liguei para o meu editor lá no iG, o Givanildo Menezes, e disse: “O quê que há de novo aí?”. Então ele falou: “Tenho uma má notícia para te dar: nós saímos do ar”. E eu: “Como assim?”. “Não só saímos do ar como fomos expulsos do iG.” Então eu disse: “Segura aí que, quando acabar o programa, vou ver o que aconteceu”. Procurei me informar e rapidamente se configurou o quadro de que não só a minha equipe que trabalhava lá tinha sido ejetada do prédio do iG. Também houve um fenômeno muito interessante, que eu apelidei de “limpeza ideológica” – por oposição ou por analogia à chamada “limpeza étnica” que se produziu nos escombros da Iugoslávia. É o fato de você apagar a minha existência do ar. Eu não conseguiria – ninguém conseguiria! – acessar o meu trabalho profissional e intelectual no iG nos últimos dois anos.<sup>73</sup>

Na nota oficial do iG, a demissão é atribuída aos “custos do contrato” e às “condições de mercado”, que “tornaram inviável” a manutenção de Amorim.<sup>74</sup> Nove horas depois, seu *blog* já estava novamente no ar, em endereço próprio, e o conteúdo havia sido recuperado por força de um mandado de segurança impetrado pelo jornalista, que o iG classificou como uma judicialização desnecessária.<sup>75</sup>

Luis Nassif tem sua carreira marcada por longa passagem na *Folha de S. Paulo*, onde foi colunista e editor de 1991 a 2006, quando seu contrato não foi renovado. Diogo Mainardi, colunista da revista *Veja*, afirmou que Nassif fora demitido por praticar *lobby* por meio de sua coluna<sup>76</sup>, versão contestada pelo jornalista<sup>77</sup> e pelo diretor de redação da *Folha de S. Paulo*, Otávio Frias Filho, em comunicado à imprensa.<sup>78</sup> Em 2009, Nassif também teve seu contrato rescindido com a *TV Cultura*, controlada pelo PSDB de São Paulo. Na ocasião, foi incisivo sobre os motivos da rescisão: “a maluquice das eleições de 2006 voltou antecipadamente”.<sup>79</sup>

Nassif mantinha um *blog* no portal UOL (pertencente ao Grupo *Folha*), mas com seu afastamento transferiu o domínio para o iG, lá permanecendo até junho de 2010, quando seu contrato também não foi renovado. A partir de então, o jornalista mantém o *Luis Nassif Online* em endereço próprio (DALMASO, 2011:06). Desde agosto de 2009, é

---

<sup>73</sup> <http://is.gd/AeyqIm>. Acesso em 07/11/2011.

<sup>74</sup> <http://image.ig.com.br/editorial/210308.html>. Acesso em 07/11/2011.

<sup>75</sup> *Id.*

<sup>76</sup> <http://veja.abril.com.br/160708/mainardi.shtml>. Não se pode esquecer que poucos dias antes, Nassif publicara em seu *blog* que o relatório do delegado Protógenes Queiroz, que servira para o pedido de prisão expedido a Daniel Dantas pelo juiz Fausto de Sanctis, também mencionava explicitamente que Diogo Mainardi era “jornalista colaborador da organização criminosa”: <http://is.gd/dNznxA>. Acesso em 08/11/2011.

<sup>77</sup> <http://is.gd/HcSWNq>. Acesso em 09/11/2011.

<sup>78</sup> <http://is.gd/T8yQ2U>. Acesso em 08/11/2011.

<sup>79</sup> [http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna\\_id=4082](http://www.cartamaior.com.br/templates/colunaMostrar.cfm?coluna_id=4082). Acesso em 08/11/2011.



vinculado à *TV Brasil*, TV pública ligada ao Governo Federal, contratado com dispensa de licitação em função de “notória especialização”.<sup>80</sup>

Na internet, Nassif se destaca em 2007, quando escreve um dossiê sobre a revista *Veja*, cuja trajetória resume da seguinte forma:

O maior fenômeno de anti-jornalismo dos últimos anos foi o que ocorreu com a revista *Veja*. Gradativamente, o maior semanário brasileiro foi se transformando em um pasquim sem compromisso com o jornalismo, recorrendo a ataques desqualificadores contra quem atravessasse seu caminho, envolvendo-se em guerras comerciais e aceitando que suas páginas e sites abrigassem matérias e colunas do mais puro esgoto jornalístico.<sup>81</sup>

Ao longo do dossiê, Nassif tece mudanças no panorama midiático nacional e cita as pessoas que considera responsáveis pela adoção do estilo “*neocón*” por parte da *Veja* – caracterizado pela defesa escancarada do conservadorismo, pela ausência de equilíbrio na abordagem dos acontecimentos e por um tom agressivo e irônico, próximo da linguagem usada na publicidade. Tal perfil teria se consolidado, segundo Nassif, com a ascensão de Eurípides Alcântara, atual diretor editorial, acusado também de ser “o contato direto de Daniel Dantas com a *Veja*”. Tal declaração levou à condenação de Luis Nassif na justiça, ainda passível de recurso.<sup>82</sup>

Altamiro Borges é jornalista e filiado ao PC do B desde 1979. Integrante da Comissão Política Nacional do partido, exerce o cargo de Secretário para Questão de Mídia e tem amplas relações com o movimento sindical.<sup>83</sup> Além de manter um *blog* pessoal, o *Blog do Miro*, é o responsável pela criação do *Centro de Estudos da Mídia Alternativa “Barão de Itararé”*, uma entidade que pretende, nas palavras de seu idealizador, “contribuir na luta pela democratização da comunicação, fortalecer a mídia alternativa e comunitária, promover estudos sobre a estratégica frente midiática e investir na formação dos novos comunicadores”.<sup>84</sup>

Destes que são os principais agentes por trás da organização do 1º Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas, é fácil perceber que a maioria acumulou seu prestígio e recursos junto à “grande mídia”: Amorim, Azenha e Vianna trabalharam durante muitos

---

<sup>80</sup> <http://is.gd/IUNVWK>. Acesso em 08/11/2011.

<sup>81</sup> <http://sites.google.com/site/luisnassif02/>. Acesso em 09/11/2011.

<sup>82</sup> <http://is.gd/dbllND>. Acesso em 09/11/2011.

<sup>83</sup> <http://is.gd/6YSxO5> e <http://www.contee.org.br/noticias/msin/nmsin332.asp>. Acesso em 09/11/2011.

<sup>84</sup> <http://is.gd/ZtugKJ>. Acesso em 09/11/2011.

anos na *TV Globo* e Nassif, na *Folha de S. Paulo*. Borges se tornou reconhecido principalmente na militância política, na defesa dos movimentos sociais e na luta sindical.

Nenhum dos blogueiros deste “primeiro time” conquistou seu prestígio na própria blogosfera, não obstante tenham se beneficiado desta exposição, alguns mais do que outros. A soma da credibilidade e reconhecimento destes agentes, cujo carisma foi construído em outros espaços sociais, sem dúvida foi crucial para que o movimento prosperasse e tivesse algum peso político.

Altamiro Borges é, entre todos eles, o mais vinculado ao projeto político governista. A epígrafe de seu *blog*: “uma trincheira na luta contra a ditadura midiática”, dá um pouco o tom militante e ideologicamente comprometido da leitura que faz sobre a cobertura da “grande mídia”.

Paulo Henrique Amorim mantém um *blog* de perfil mais humorístico, com muitas charges e pouco espaço para reflexões, totalmente alinhado com o governo e aliados do PT. Há sempre uma quantidade grande de reportagens laudatórias ao governo e suas críticas são dirigidas a políticos da oposição e eventualmente a ministros do governo acusados de omissão (como no projeto para regulação da imprensa, por exemplo, em que critica Paulo Bernardo), sem jamais implicar o presidente (ou a presidenta) nessa conta.

Nassif mantém um *blog* com perfil mais jornalístico, e ocasionalmente faz comentários sobre economia e política. Amorim e Nassif se destacam no grupo por serem os dois jornalistas que possuem mais contatos dentro do universo político e estão mais a par do que acontece no que se convencionou chamar de “bastidores do poder”. Durante as eleições, os dois foram responsáveis por denunciar “factoides” forjados pela “grande mídia” com base na ampla rede de fontes de que dispunham.

Azenha e Vianna têm um perfil jornalístico mais engajado, e costumam fazer críticas ao governo de um ponto de vista mais à esquerda. Vianna mantém bons contatos dentro da *TV Globo*, que mais de uma vez lhe serviram para trazer à tona informações sobre decisões importantes tomadas na empresa. Já Azenha se destaca nas análises sobre política e sobre conjuntura internacional.

Outro ponto a ser frisado é a inexistência de menções negativas à *TV Record* e ao SBT nos *blogs* pesquisados. Se estes canais de TV, por suas características, poderiam ser igualmente classificados como veículos da “grande mídia”, na prática o que se percebe é

que os blogueiros “progressistas” não os consideram parte dela. Evidentemente, o fato de Azenha, Vianna e Amorim serem atualmente funcionários da *TV Record* tem um peso significativo neste silêncio dos blogueiros “progressistas” (o mesmo pode ser dito em relação aos negócios do bispo Edir Macedo), silêncio ainda mais constrangedor quando a *TV Record* decide apoiar a candidatura de Dilma Rousseff.

## **2.2 Luis Nassif: de editor da *Folha de S. Paulo* a blogueiro “progressista”**

A aproximação entre os blogueiros e o Governo Federal pode muito bem ser ilustrada pela trajetória de Luis Nassif. O cargo de editor, que ele ocupou na *Folha de S. Paulo*, além de conferir-lhe mais notoriedade e legitimidade, denota também sua profunda anuência com as políticas editoriais do jornal. Nassif também foi colunista, o que, sem dúvida, só vem a acrescentar ao prestígio que conquistou ao longo de sua carreira jornalística.

Como ensina Bourdieu (1997), o grau de autonomia não diz respeito exclusivamente ao órgão de difusão, mas também ao do próprio jornalista no exercício da sua profissão. O grau de autonomia vai depender, na ordem: do grau de concentração da imprensa do país (quanto maior, menor número de empregadores potenciais e, portanto, maior a insegurança); da posição do jornal, se mais próximo do polo intelectual ou do polo comercial; da posição do jornalista dentro do jornal (efetivo, *free-lancer*, colunista, editor), o que lhe confere ou não estatuto diferenciado (ligado à notoriedade) e maior estabilidade financeira, fatores suscetíveis de interferir nas escolhas do profissional frente a matérias encomendadas por patrocinadores e políticos; e, finalmente, da capacidade do jornalista em produzir autonomamente a informação sem amparo de uma mídia tradicional.<sup>85</sup>

Em 2006, com seu afastamento da *Folha de S. Paulo*, investe mais tempo em seu *blog*. No ano seguinte, escreve a série de reportagens sobre a revista *Veja*, que lhe deu notoriedade na internet junto a um público inteiramente novo. Ato um tanto involuntário

---

<sup>85</sup> Sem esquecer que esta relação de força entre o jornalista e a mídia tradicional foi bastante modificada com a internet, desde que Pierre Bourdieu escreveu seu artigo, em 1996.

deste fato (já que o dossiê sobre a revista *Veja* critica o abandono das práticas jornalísticas e a relação promíscua com lobistas, de um ponto de vista antes de “pureza jornalística” do que de preferências ideológicas), o público do seu *blog* foi se “esquerdizando”.

Várias opiniões de Nassif podem servir de exemplo para fazer notar a diferença inicial de tom e o paulatino ajuste entre o blogueiro, que vinha de uma perspectiva de um conservadorismo moderado, e seu público, cada vez mais à esquerda. Citam-se três: o escândalo dos atos secretos envolvendo o senador José Sarney (no qual defende um político conservador frente aos ataques da mídia); o exemplo mais bem acabado, que é a mudança na avaliação que faz da figura pública do ex-governador Aécio Neves (PSDB-MG) e o “choque de gestão” posto em prática em Minas Gerais por ele e por seu sucessor, Antônio Anastasia; e as “manipulações” da *Folha de S. Paulo* durante as eleições presidenciais.

No primeiro, Nassif defendeu a permanência de Sarney na Presidência do Senado, alegando que sua queda

faz parte de uma manobra político-midiática visando desestabilizar o jogo político. Quer-se no Senado alguém que facilite CPIs e articulações que precipitem crises políticas. Não fosse esse o intuito, não haveria a fulanização da crise do Senado em Sarney.<sup>86</sup>

Para justificar sua opinião, ele em seguida tenta se valer de seu prestígio e autoalegada autoridade para avaliar uma tal conjuntura:

Já tenho experiência suficiente para saber o significado de crises políticas. Afetam a vida de todos, dependendo de sua intensidade paralisam a economia, provocam terremotos no mercado, criam divisões que levam anos para serem corrigidas.

E conclui:

É barato o preço a ser pago pela degola seletiva de Sarney? Creio que não. É jogar o epicentro da crise no Senado, reforçar o papel da mídia de derrubar quem quiser, de impor seu padrão e seus interesses a qualquer poder e de expor o país a qualquer crise, contanto que seus objetivos sejam alcançados.

Espero que, um dia, Sarney pague por todo seu passado. Mas espero que isso ocorra seguindo todos os procedimentos legais, não sendo empurrado goela abaixo do país por esse alarido midiático. Por isso, ao mesmo tempo que aguardo a condenação de Sarney, espero que o presidente do Senado resista e não se deixe derrubar por esse jogo de sombras e interesses.<sup>87</sup>

---

<sup>86</sup> <http://is.gd/ERuOCm> e <http://is.gd/cFHfy5> e <http://is.gd/83Dk7a>. Acesso em 09/11/2011.

<sup>87</sup> <http://colunas.imirante.com/platb/decio/2009/08/09/entendendo-o-fator-sarney/>. Acesso em 09/11/2011.

Independente de se concordar ou não com a avaliação de Luis Nassif acerca do quadro político daquele momento, seus argumentos não foram bem recebidos pelos leitores do *blog*, e o jornalista foi duramente criticado na seção de comentários. Depois deste episódio Nassif não voltou mais a tocar no assunto, e embora este texto tenha sumido – só pôde ser resgatado parcialmente (sem os comentários críticos dos leitores) a partir de outros *sites* – o mais provável é que o desaparecimento tenha a ver com mudanças na hospedagem do *blog* (já que vários textos da mesma época estão igualmente indisponíveis) e não necessariamente com uma censura do editor, hipótese que, todavia, não pode ser de todo descartada.

Um segundo exemplo é notado no retrato que Luis Nassif faz ao longo do tempo (2006 a 2011) da figura pública de Aécio Neves e do PSDB de Minas Gerais: de gestor competente e modernizador, na trilha de Juscelino Kubitschek<sup>88</sup>, e articulador político, na esteira de seu avô Tancredo Neves<sup>89</sup>, para, com o passar dos anos, ser rotulado de homem imaturo, eterno adolescente<sup>90</sup>, sem uma “nova visão de país”.<sup>91</sup> Tal mudança, que não pode ser atribuída apenas ao episódio em que Aécio fora multado numa *blitz* (com a carteira de habilitação vencida e provavelmente embriagado), deve ser vista como uma alteração gradual de perspectiva do jornalista em razão dos seguidos ataques de seus leitores a Aécio Neves.<sup>92</sup>

De todo modo, o “choque de gestão” aplicado pelo governo de Aécio, o chamado “modelo mineiro”, continua afiançado por Nassif<sup>93</sup>, a despeito de também ser dura e constantemente criticado pelos comentaristas do *blog*.<sup>94</sup> Vale destacar que Nassif é de Minas Gerais, e provavelmente a avaliação positiva que faz do “modelo mineiro” e (que fazia) de Aécio Neves, seja resultado de relações pessoais que construiu com figuras políticas do estado, o que parece se confirmar quando sua própria agência de notícias, a *Agência Dinheiro Vivo*, entrevista com exclusividade o governador Anastasia, sucessor de

---

<sup>88</sup> <http://is.gd/DjTsUQ>. Acesso em 10/11/2011.

<sup>89</sup> <http://is.gd/WNBNf5>, <http://is.gd/bGmA54> e <http://is.gd/HfdvdM>. Acesso em 10/11/2011.

<sup>90</sup> <http://is.gd/bHg9uZ>. Acesso em 10/11/2011.

<sup>91</sup> <http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/a-entrevista-vazia-de-aecio>. Acesso em 10/11/2011.

<sup>92</sup> <http://is.gd/bwJNZ2>. Acesso em 10/11/2011.

<sup>93</sup> Exemplo de *post* defendendo o modelo mineiro de gestão: <http://is.gd/iFOw2M>. Já neste outro *post*, nos comentários, é visível a discordância do público com o editor do *blog*: <http://is.gd/bQGgMj>. Acesso em 10/11/2011.

<sup>94</sup> <http://is.gd/yCjLz6> e <http://is.gd/jCJSkH>. Acesso em 10/11/2011.

Aécio, para falar sobre os progressos na gestão em Minas.<sup>95</sup> Mais uma vez, independente de ser ou não um bom modelo, o fato é que os leitores do *blog*, alinhados à esquerda política e, na sua maioria, ao projeto petista, orientam as opções do editor, incentivando algumas tomadas de posição, e cerceando outras.

Nesse sentido, de jornalista relativamente contido nas suas asseverações, “imparcial” e moderado quando ainda trabalhava para a *Folha de S. Paulo* (como é possível ver nas colunas da época)<sup>96</sup>, as reflexões de Nassif tornam-se cada vez mais categóricas. Na *Folha de S. Paulo*, em 2006, foi capaz de escrever a respeito de um editorial agressivo contra Lula:

Houve quem estranhasse a virulência do editorial de hoje da “Folha”, “Degradação”. O estilo foi claramente inspirado em Carlos Lacerda, inclusive no ritmo das frases e nas expressões, similar ao que Lacerda adotava quando radicalizava o discurso. [...] Não se está desqualificando o texto comparando-o a Lacerda, apenas registrando o estilo. Mesmo porque meu avô era amigo dele.<sup>97</sup>

Um texto que certamente não poderia ser escrito para o novo perfil dos leitores do *Luis Nassif Online*. Em 2010, durante o processo eleitoral, o título das postagens já são em si indicadores suficientes para constatar um posicionamento muito mais crítico, especialmente quando acusa o seu antigo empregador, a *Folha de S. Paulo*: “Folha monta mais um dossiê falso” ou “Folha virou a lixeira do jornalismo”.<sup>98</sup>

Este deslocamento foi possível por uma série de razões: em primeiro lugar, porque o jornalista não está mais vinculado à “grande mídia”, uma vez que declarações deste tipo lhe fechariam portas não apenas no próprio jornal, mas em todos grandes veículos de imprensa privados; em segundo lugar, em razão dos estímulos, aprovação e elogios recebidos dos leitores do *blog*, seu novo mercado, que cada vez mais esperam ataques à “mídia golpista” e aos partidos da direita; e, em terceiro lugar, da percepção do jornalista (maior ou menor, conforme o caso), de escrever aquilo que seus leitores esperam e de silenciar sobre os pontos em que público e jornalista divergem, já que em última análise ele depende da audiência para a viabilidade profissional.

---

<sup>95</sup> <http://is.gd/AHVQS1>. Acesso em 10/11/2011.

<sup>96</sup> <http://luisnassifonline.blog.uol.com.br/>. Acesso em 10/11/2011.

<sup>97</sup> <http://luisnassifonline.blog.uol.com.br/>. Acesso em 09/11/2011.

<sup>98</sup> <http://is.gd/oKWWCr> e <http://is.gd/UdY8sX>. Acesso em 10/11/2011.

A experiência de Luis Nassif é emblemática para mostrar como um agente atua e se movimenta frente às regras silenciosas e aos condicionantes que cercam a atividade jornalística, e de que meios se vale para fortalecer seu próprio papel. Nassif foi, de forma gradual, alinhando seu próprio discurso com o discurso governista, e ele soube tirar dividendos desta aproximação. Como já mencionado, foi contratado pela *TV Brasil*, ligada ao Governo Federal, com dispensa de licitação.<sup>99</sup> Além disso, pesa contra ele também uma suposta renegociação, em condições muito favoráveis, da dívida que sua empresa mantinha com o BNDES, com prazo alargado e abatimento de aproximadamente um milhão de reais do saldo devedor.<sup>100</sup>

### 2.3 O encontro nacional de blogueiros “progressistas”

Em maio de 2010, no decorrer do primeiro evento do *Barão de Itararé*, o seminário “A mídia e as eleições de 2010”, foi idealizado um encontro nacional de blogueiros, como conta Conceição Lemes, do *Vi o Mundo*:

A ideia do Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas nasceu em maio. Sugerida por Luiz Carlos Azenha, foi aprovada durante o lançamento, em São Paulo, do Centro de Estudos da Mídia Alternativa Barão de Itararé.

No final de maio, tivemos uma primeira conversa, da qual participaram o próprio Azenha, Altamiro Borges, Eduardo Guimarães, Rodrigo Vianna e eu. Azenha lançou a ideia no Viomundo. A receptividade foi excelente. Tivemos, aqui, mais de 400 comentários. Fora a acolhida calorosa em vários outros blogs.

Resultado: o Encontro Nacional de Blogueiros Progressistas é indispensável, imperioso e vai sair, sim.

Tivemos, ontem, a segunda reunião. Foi na sede do Conversa Afiada. Participaram Paulo Henrique Amorim (Conversa Afiada), Altamiro Borges (do Barão de Itararé e do blog do Miro), Conceição Oliveira (Maria-Fro), Eduardo Guimarães (Blog da Cidadania), Diego Casaes (Global Voices) e eu (do Viomundo, representando também o Azenha, derrubado por uma tremenda gripe).<sup>101</sup>

---

<sup>99</sup> <http://acertodecontas.blog.br/midia/luis-nassif-x-folha-de-s-paulo/>. Acesso em 10/11/2011.

<sup>100</sup> <http://is.gd/chDhzo> e <http://is.gd/DIBVGM>. Acesso em 10/11/2011.

<sup>101</sup> <http://is.gd/RVFOVZ>. Acesso em 11/11/2011.

As motivações para a realização do encontro estavam notoriamente vinculadas à disputa eleitoral. Altamiro Borges destaca que a comissão organizadora do evento<sup>102</sup>

nasce muito vinculada ao momento político. Nasce porque estávamos em um processo eleitoral em que essa mídia corporativa, essa mídia hegemônica tinha virado palanque eleitoral. Então deu certo porque o clima político era propício. Logo de cara marcamos o primeiro encontro nacional e descentalizamos para os estados.<sup>103</sup>

O que levou todos a deixarem as divergências de lado e a encamparem a ideia de um encontro nacional “foi a denúncia das manipulações da mídia demotucana e golpista na batalha sucessória. A reação à ditadura midiática conseguiu unir jornalistas de renome e ativistas sociais da internet, militantes de diversos partidos e lutadores inorgânicos”.<sup>104</sup> A conotação política do evento, para Borges, é clara: “Naquele momento não tinha outro jeito, não tinha como articular um movimento nacional. Nós tínhamos que fazer antes das eleições, para ter um peso, para contribuir”.<sup>105</sup>

Já Azenha, o idealizador, destaca que sua inspiração veio do *Netroots* dos Estados Unidos, um tipo novo de ativismo político realizado através das ferramentas sociais da web (*blogs*, redes sociais, *twitter*), cujo objetivo é trazer a voz das bases que estão fora das estruturas partidárias e criar um novo canal da esquerda fora da esfera de influência dos grandes grupos de comunicação.

Para Azenha, a “blogosfera brasileira já atingiu a massa crítica de leitores que justifica o encontro”, e os objetivos seriam dois: que os blogueiros do país inteiro se conheçam e troquem contatos, e que se discutam políticas públicas que digam respeito diretamente à blogosfera (como o Plano Nacional de Banda Larga), enfatizando que não se trataria de um encontro político-partidário.<sup>106</sup>

Entretanto, a decisão de manter a organização do evento a cargo do *Barão de Itararé* (que afinal era o principal apoio institucional desde dentro do universo dos

---

<sup>102</sup> Comissão Organizadora: Luiz Carlos Azenha, Paulo Henrique Amorim, Luis Nassif, Altamiro Borges, Conceição Lemes, Eduardo Guimarães, Conceição Oliveira, Rodrigo Vianna, Renato Rovai e Diego Casaes.

<sup>103</sup> <http://is.gd/uA39uX> ou <http://is.gd/SkrHDw>. Acesso em 11/11/2011.

<sup>104</sup> <http://is.gd/0BpV2k>. Acesso em 11/11/2011.

<sup>105</sup> *Id.*

<sup>106</sup> <http://is.gd/1S80Xz>. Acesso em 11/11/2011.



blogueiros progressistas)<sup>107</sup>, de Altamiro Borges, imprimiu ao encontro um tom governista, pois as relações de Borges com sindicatos e o meio político (lembrando que ele faz parte da cúpula do PC do B) foram sentidas tanto na escolha do local do evento (Sindicato dos Engenheiros do Estado de São Paulo), quanto, sobretudo, na lista de patrocinadores (pelo menos 11 dos 26 patrocinadores eram sindicatos). De fato, a arrecadação foi tão exitosa que puderam inclusive bancar as diárias de hotéis de todos os participantes inscritos e suas refeições.<sup>108</sup> O patrocínio do evento com dinheiro público (e que se aprofundou com a realização do segundo encontro nacional, que teve participação inclusive de estatais)<sup>109</sup>, foi criticado tanto por blogueiros de direita, quanto por alguns blogueiros mais à esquerda, que enxergaram no movimento uma “blogosfera governista” ou “blogosfera do dinheiro público”.<sup>110</sup>

Se o movimento havia sido pensado por Azenha como um contraponto à cobertura da “grande mídia”, a partir de uma posição política de esquerda, mas, se não totalmente, mais independente do projeto político governista, Altamiro Borges, ao contrário, até por conta de sua posição e dos recursos de que dispunha, desde o início enxergou o movimento dos blogueiros “progressistas” como um espaço para desempenhar sua militância política, indissociável da sua atividade de jornalista: não é só a “grande mídia”, mas também José Serra, candidato da oposição, identificado como um inimigo da liberdade de expressão, “centralizador” e “autoritário”.<sup>111</sup>

Porém, como a gênese do movimento ocorreu num momento de radicalização, onde as fronteiras entre jornalismo e política eram menores, essa aproximação não foi percebida ou criticada por nenhum dos blogueiros, mesmo que a maioria deles não tenha vinculação político-partidária explícita e sejam jornalistas de carreira.

O encontro ocorreu entre os dias 20 e 22 de agosto de 2010, na cidade de São Paulo, e os temas das mesas de debate giraram em torno do papel da internet nas eleições, ameaças à neutralidade da rede (discussão do projeto de lei conhecido como AI-5 Digital, proposto

---

<sup>107</sup> Mais tarde, a Associação Brasileira de Empresas e Empreendedores de Comunicação (Altercom) e o Movimento dos Sem Mídia (MSM) também deram apoio institucional: <http://is.gd/Oegu0T>. Sobre as instituições: <http://is.gd/Yup72Y> e <http://is.gd/I0yKrE>. Acesso em 11/11/2011.

<sup>108</sup> <http://is.gd/zY4A8t>. A prestação de contas aponta arrecadação de aproximadamente R\$ 70 mil reais, e despesas na ordem de R\$ 40 mil: <http://is.gd/Oegu0T>. Acesso em 12/11/2011.

<sup>109</sup> <http://is.gd/dk7Ez9>. Acesso em 12/11/2011.

<sup>110</sup> <http://is.gd/a2esSz> e <http://is.gd/3ywJGX>. Acesso em 12/11/2011.

<sup>111</sup> [http://www.youtube.com/watch?v=AM\\_TzjrM7kY&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=AM_TzjrM7kY&feature=related). Acesso em 13/11/2011.

pelo deputado federal Eduardo Azeredo, do PSDB-MG, que pretende vigiar a *web*), como financiar a blogosfera (o movimento defende a existência de recursos públicos destinados à manutenção dos *blogs*), oficinas para aprimorar o uso das novas tecnologias, e grupos de discussão entre blogueiros para troca de experiências.<sup>112</sup>

Ao final do encontro foi redigido um manifesto, com as principais reivindicações dos blogueiros. A finalidade do evento é explicitada:

Em busca de soluções para as dificuldades que persistem para que a blogosfera progressista siga crescendo e ganhando influência em uma comunicação dominada por oligopólios poderosos, influentes e, muitas vezes, antidemocráticos, os blogueiros progressistas se unem para formular propostas de políticas públicas e pelo estabelecimento de um marco legal regulatório que contemple as transformações pelas quais a comunicação passa no Brasil e no mundo.<sup>113</sup>

As reivindicações foram as seguintes:

1. Apoio ao Plano Nacional de Banda Larga, com o objetivo de universalizar o acesso à internet no Brasil;
2. Regulamentação dos artigos 220, 221 e 223 da Constituição, que versam sobre a área de comunicação, com o objetivo de impedir propriedade cruzada, estimular a produção regional e independente;
3. Combate ao projeto de lei conhecido como AI-5 Digital, “que impõe restrições policiais à liberdade de expressão” e a defesa da neutralidade da internet;
4. Elaboração de políticas públicas que incentivem a blogosfera e estimulem a diversidade informativa e a democratização da comunicação;
5. Implantação das deliberações da 1ª Conferência Nacional de Comunicação (Confecom), criando o Conselho Nacional de Comunicação;
6. Instituição do encontro anual dos blogueiros progressistas, como um fórum plural, suprapartidário e amplo;
7. Núcleos de apoio jurídico aos blogueiros progressistas, contra o que chamam de “censura” impingida pelos grandes meios de comunicação.<sup>114</sup>

---

<sup>112</sup> <http://is.gd/zY4A8t>. Acesso em 12/11/2011.

<sup>113</sup> <http://is.gd/Oegu0T>. Acesso em 13/11/2011.

<sup>114</sup> Ainda em andamento o caso *Falha de S. Paulo*, um site humorístico que foi fechado por decisão judicial, em processo ajuizado pelo Grupo *Folha*. Mais detalhes em: <http://desculpeanossafalha.com.br/>. Acesso em 09/11/2011.

A repercussão do encontro na imprensa tradicional foi pequena. Ele só não passou despercebido porque foi repercutido um ataque de José Serra durante um congresso realizado pela Associação Nacional de Jornais (ANJ), entidade patronal, na véspera do encontro nacional de blogueiros, dia 19 de agosto: o governo do PT, segundo Serra, estaria financiando “*blogs sujos*” que “dão norte do patrulhamento” a jornalistas simpatizantes.<sup>115</sup>

A lembrança de José Serra aos “*blogs sujos*” foi feita apenas pela *Folha de S. Paulo*, já que a cobertura do *Estado de S. Paulo* enfatizou as críticas de Serra às tentativas de controle da imprensa promovidas pelo governo Lula.<sup>116</sup> Apesar disso, a lembrança do candidato do PSDB serviu de grande reforço da imagem que os blogueiros “progressistas” construíram de si, tornando-se uma espécie de marca do grupo, uma expressão de autorreferência lembrada até hoje.<sup>117</sup>

Como se nota, nada foi relatado sobre as pautas reivindicadas pelos blogueiros, e seu manifesto foi solenemente ignorado. Apenas para registro, a cobertura da imprensa do 2º Encontro Nacional de Blogueiros foi bastante diferente – com suas reivindicações recebendo ampla repercussão – o que pode ser atribuído ao maior peso institucional do movimento, mas principalmente ao comparecimento de políticos do PT como o ex-presidente Lula, o ministro Paulo Bernardo e o ex-ministro José Dirceu.<sup>118</sup> Isso só denota como a mídia nacional é incapaz de estabelecer uma agenda própria de discussão, distante dos partidos políticos, impedindo que no Brasil floresça um espaço importante de debate público afastado das estruturas partidárias, que seria o espaço de uma imprensa autônoma e propositiva. Essa situação foi notada exemplarmente pelo jornalista e blogueiro Luis Nassif durante o plebiscito sobre o desarmamento, em 2005:

O tema era complexo, o referendo foi inoportuno, a questão, mal formulada. Mas a barafunda da discussão deixou clara a enorme dificuldade de nós, da mídia, e da opinião pública média em tratar temas complexos sem mediação – ainda que falha, interessada, distorcida, como é a dos partidos políticos.<sup>119</sup>

---

<sup>115</sup> <http://is.gd/sqkZxr>. Acesso em 13/11/2011.

<sup>116</sup> *Id.*

<sup>117</sup> <http://is.gd/CtMTZn> e <http://is.gd/dxgigR>. Acesso em 12/11/2011.

<sup>118</sup> <http://is.gd/SXQOLM> e <http://is.gd/FUcA16> e <http://is.gd/dk7Ez9>. Acesso em 13/11/2011.

<sup>119</sup> [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/frei\\_betto](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/frei_betto). Acesso em 13/11/2011.

### 3. A COBERTURA DO “ESCÂNDALO DOS DOSSIÊS”

O escândalo que ficou conhecido como “novos alopados”, “quebra de sigilo fiscal” e, com o acúmulo de denúncias, “escândalo dos dossiês”<sup>120</sup>, começou com uma reportagem em fins de maio de 2010, publicada na revista *Veja*. Ela versava sobre a formação de um grupo investigativo, composto por integrantes do PT, e reunidos numa casa alugada no bairro Lago Sul, em Brasília, para levar adiante “um esquema de espionagem de adversários e até de correligionários rivais”. A reportagem, um tanto vaga, construída em cima de supostas declarações de integrantes do esquema, e de supostas reações advindas da cúpula da campanha petista (e da própria Dilma Rousseff), atribui afirmações nos seguintes termos:

"Já tivemos problemas demais com esse tipo de coisa no passado [a criação de dossiês contra adversários políticos], deixando que fosse muito longe. A ordem agora foi cortar tudo pela raiz de uma vez por todas", diz um dos mais próximos colaboradores de Dilma Rousseff, candidata do PT, de quem partiu a ordem irada para alagar os porões que, de outra forma, iniciariam suas operações. Dilma deixou claro a outro colaborador próximo sua posição sobre a questão: "Não é para fazer nada disso. Se fizer, demito. Mesmo assim, se aparecer sobre minha mesa, joga no lixo sem ler".<sup>121</sup>

Apesar da ordem vinda de cima, para que os “companheiros mais afoitos” parassem com tudo que estivessem fazendo, os autores da matéria se perguntam: “será que a estrutura montada na casa de Brasília, alugada por 18 000 reais, onde trabalham dezenas de pessoas, deu marcha a ré na linha de montagem de ilegalidades e passou a funcionar apenas como o braço de comunicação e internet da campanha?”.

A reportagem segue declarando que aliados, como Rui Falcão, deputado estadual pelo PT de São Paulo, e Fernando Pimentel, coordenador da campanha de Dilma, teriam sido grampeados por petistas da casa do Lago Sul, supostamente por adversários políticos de dentro do partido. Ainda segundo a reportagem, Rui Falcão ficou sabendo e teria repreendido seus correligionários. Mais uma vez, tudo em *off*, sem informar as fontes ou a origem das declarações.

---

<sup>120</sup> <http://veja.abril.com.br/blog/eleicoes/tag/escandalo-dos-dossies/>. Acesso em 17/11/2011.

<sup>121</sup> Embora a reportagem tenha data do dia 02 de junho, a revista já circulava desde pelo menos 30 de maio: <http://veja.abril.com.br/020610/ordem-casa-lago-sul-p-076.shtml>. Acesso em 14/11/2011.

Por fim, é apresentado o nome de Luiz Lanzetta, dono da Lanza Comunicação, como o responsável pelas atividades na casa do Lago Sul, e que teria contratado “gente da pesada com experiência em espionagem”, entre eles um “ex-delegado aposentado da Polícia Federal” e um “ex-jornalista” com “dotes investigativos”. O grupo teria se reunido num restaurante de Brasília e acertado os nomes dos alvos das investigações: o presidente José Serra; o deputado Marcelo Itagiba (PSDB-RJ), considerado pelos presentes na reunião como o “espião-chefe” da candidatura tucana; e Rui Falcão, pois teria interesse em sabotar o trabalho dos integrantes da casa do Lago Sul. A reportagem também alega que foi um dos integrantes da reunião que informou a revista, o ex-delegado Onézimo Souza.

Na terça, dia 1º de junho, *O Globo* revela mais um capítulo desta história: um dos dossiês seria dirigido à filha de José Serra, Verônica Serra, sem contudo adiantar qual seria o conteúdo deste suposto dossiê. Na reportagem é lembrado também que o PT teria agido de maneira semelhante em 2006, no escândalo que ficou conhecido como “aloprados”, quando alguns nomes ligados ao partido tentaram comprar um dossiê contra José Serra quando ele disputava o governo de São Paulo contra Aloísio Mercadante.<sup>122</sup>

No dia 02, José Serra afirma que a candidata do PT, Dilma Rousseff, e seu partido, devem explicações sobre o suposto dossiê, afirmando que o “PT tem uma longa tradição nesta matéria”, e que não tem dúvida da participação de Dilma no ocorrido.<sup>123</sup>

No dia 05, *Veja* prossegue nas acusações à prestação, alegando que seu informante, o delegado aposentado Onézimo Souza, seria contratado para ser o mentor da investigação, mas que havia recusado porque divergia “cabalmente quanto à metodologia e ao direcionamento dos trabalhos a ser[em] ali executados”. Esclarecendo o que não havia sido detalhado na reportagem da semana anterior, Onézimo disse que monitorar Rui Falcão fora uma exigência de Fernando Pimentel, formalizada na reunião pelo jornalista Luiz Lanzetta, já que Pimentel não estava presente. O motivo seria uma disputa de espaço dentro do PT, e a desconfiança, por parte de Pimentel, de que fosse Falcão o responsável pelos vazamentos do conteúdo das reuniões da campanha à imprensa. Por último, Onézimo faz a sua declaração mais comprometedora: Lanzetta teria proposto a ele que investigasse José Serra

---

<sup>122</sup> <http://is.gd/T9NnT5>. Acesso em 14/11/2011.

<sup>123</sup> <http://is.gd/gl0zRQ>. Acesso em 13/11/2011.

a pedido da campanha de Dilma Rousseff, inclusive com uso de grampos telefônicos.<sup>124</sup> Ficamos sabendo também que o jornalista com “dotes investigativos” citados na semana anterior é Amaury Ribeiro Junior.<sup>125</sup>

Na mesma tarde, depois de ser colocado pela nova reportagem da *Veja* no centro do imbróglio, Luiz Lanzetta pede demissão do Núcleo de Coordenação de Comunicação da campanha de Dilma Rousseff. Na nota, ele assume toda a responsabilidade pelo episódio, confirma que houve de fato o encontro com “arapongas”, em meados de abril, mas desmente a versão apresentada por Onézimo Souza à revista *Veja*, alegando que foi Onézimo quem oferecera serviço de escutas e espionagem a adversários de Dilma Rousseff, e não o contrário. Segundo Lanzetta,

A proposta foi considerada inaceitável, a reunião foi interrompida e não houve mais nenhum contato com o ex-policial. O assunto foi dado por encerrado e, como a conversa não teve qualquer consequência ou desdobramento, seu teor não foi comunicado aos clientes da Lanza Comunicação.<sup>126</sup>

No dia 12, é a vez da *Folha de S. Paulo* trazer mais notícias sobre o “escândalo”: outro dossiê, também atribuído pelo jornal ao grupo comandado por Lanzetta, teria investigado o vice-presidente do PSDB, Eduardo Jorge. Os documentos que supostamente foram obtidos pelo grupo, e aos quais a *Folha de S. Paulo* teve acesso, são referentes a três depósitos no valor de R\$ 3,9 milhões recebidos por Eduardo Jorge, além de dados de sua declaração de imposto de renda, que só poderiam ter sido conseguidas por meio da quebra de seu sigilo fiscal junto à Receita Federal. A motivação dos depósitos não é esclarecida.<sup>127</sup>

No *front* blogueiro, desde 1º de junho Paulo Henrique Amorim já questionava em seu *blog* a reportagem da *Veja* e a de *O Globo*: enquanto se fala sobre um dossiê dirigido a Verônica Serra, nada é dito sobre a relação dela com a irmã de Daniel Dantas, Verônica Dantas, quando ambas, em 2000, durante o auge das privatizações, abriram uma empresa em Miami, a *decidir.com*<sup>128</sup>, a fim de intermediar negócios com o governo brasileiro. A filha de Serra teria deixado a empresa pouco antes de o pai concorrer à presidência da

---

<sup>124</sup> <http://is.gd/pv43ZA>. Acesso em 14/11/2011.

<sup>125</sup> <http://is.gd/rm3w9M>. Acesso em 14/11/2011.

<sup>126</sup> [http://www.noticiasdabahia.com.br/ultimas\\_noticias.php?cod=8271](http://www.noticiasdabahia.com.br/ultimas_noticias.php?cod=8271). Acesso em 14/11/2011.

<sup>127</sup> <http://is.gd/EFPal>. Acesso em 15/11/2011.

<sup>128</sup> <http://is.gd/Tzp9O9>. Acesso em 14/11/2011.

república, em 2002. Para Amorim, a cobertura da mídia, ao falar do dossiê sem tratar do conteúdo, teria o mesmo efeito que “tratar da missa sem falar do padre”.<sup>129</sup>

No dia 3, depois das declarações de José Serra cobrando explicações da campanha de Dilma, mas antes da segunda reportagem da revista *Veja*, Luis Nassif questiona o suposto dossiê contra Verônica Serra que estaria sendo armado pelo PT:

Primeiro, por ser inverossímil. Com a campanha de Dilma Rousseff em céu de brigadeiro, à troca de quê se apelaria para gestos desesperados e de alto risco, como a divulgação de dossiês contra adversários? Se a campanha estivesse em queda, talvez.<sup>130</sup>

Além disso, critica a matéria publicada pela *Veja*, dando conta de “supostos detalhes de supostas conversas sobre supostos dossiês, mas nada falava sobre o suposto conteúdo do suposto dossiê”.

Todavia, Nassif argumenta que as respostas para estas inverossimilhanças e informações desencontradas já corriam pelos bares de Brasília:

Quando começou a disputa dentro do PSDB, pela indicação do candidato às eleições presidenciais, correram rumores de que Serra havia preparado um dossiê sobre a vida pessoal de seu adversário (no partido) Aécio Neves.

A banda mineira do PSDB resolveu se precaver. E recorreu ao Estado de Minas para que juntasse munição dissuasória contra Serra. O jornal incumbiu, então, seu jornalista Amaury Ribeiro Jr de levantar dados sobre Serra. Durante quase um ano Amaury se dedicou ao trabalho, inclusive com viagens à Europa, atrás de pistas.

Amaury é repórter experiente, farejador, que já passou pelos principais órgãos de imprensa do país. Passou pelo O Globo, pela IstoÉ, tem acesso ao mundo da polícia e é bem visto pelos colegas em Brasília.

Nesse ínterim, cessou a guerra interna no PSDB e Amaury saiu do Estado de Minas e ficou com um vasto material na mão. Passou a trabalhar, então, em um livro, que já tem 14 capítulos, segundo informações que passou a amigos em Brasília.

Quando a notícia começou a correr em Brasília, acendeu a luz amarela na campanha de Serra. Principalmente depois que correu também a informação de um encontro entre Lanzetta e Amaury. Lanzetta jura que foi apenas um encontro entre amigos, na noite de Brasília. Vá se saber. A campanha do PT sustenta que Lanzetta não tem nenhuma participação na campanha.

Seja como for, montou-se de imediato uma estratégia desesperada para esvaziar o material. Primeiro, com os ataques iniciais a Lanzetta, que poucos entenderam o motivo: era uma ameaça. Depois, com a matéria da *Veja*.

A revista foi atrás da história e tem, consigo, todo o conteúdo levantado por Amaury. Curiosamente, na matéria não foi mencionado nem o nome da filha de Serra, nem o do repórter Amaury Ribeiro Jr. nem o conteúdo do suposto dossiê.

O Globo repercutiu a história, dando o nome da filha de Serra, mas sem adiantar nada sobre o conteúdo das denúncias – medida jornalisticamente correta, se fosse utilizada contra todas as vítimas de dossiês; mas só agora lembraram-se disso.<sup>131</sup>

<sup>129</sup> <http://is.gd/mK9NE7>. Acesso em 15/11/2011.

<sup>130</sup> <http://is.gd/JZ9ti1>. Acesso em 15/11/2011.

<sup>131</sup> *Id.*

No dia 04, foi a vez de Leandro Fortes, colunista da *Carta Capital* e também um blogueiro “progressista”, a dar sua versão dos acontecimentos. Segundo ele, a história central do suposto dossiê, a ligação entre Verônica Serra e Verônica Dantas, é “tão antiga quanto os dinossauros”, relatada inúmeras vezes na última década por diferentes veículos de comunicação, não apresentando nada de novo que justificasse a confecção de um novo dossiê. Na reportagem, a disputa entre políticos petistas é deixada de lado e a ênfase recai sobre o conteúdo do suposto dossiê: o livro de Amaury Ribeiro Jr.

Amaury estaria escrevendo um livro em que contava fatos nada animadores sobre os bastidores das privatizações durante os dois mandatos do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, detalhando a participação de José Serra e de outros aliados do PSDB. Amaury também teria investigado outros três parentes de Serra: sua filha, o genro, e um primo. O livro estaria sendo escrito há dois anos a pedido do jornal *Estado de Minas*, do qual Amaury era então funcionário, com a finalidade de proteger Aécio Neves de José Serra. À época, aliados de Aécio notaram uma movimentação de Marcelo Itagiba (PSDB-RJ), “visceralmente” ligado a Serra, e que seria a figura responsável por vasculhar a vida do governador mineiro.

Amaury então fora chamado para vasculhar o que havia de mais sombrio nas privatizações: lavagem de dinheiro, propinas, contas no exterior. A entrevista em que ele fora visto com Lanzetta e citada na revista *Veja* seria “um convite para integrar a equipe de comunicação da campanha petista”, do qual declinou. Leandro Fortes também argumenta que a onda de boatos que acabaram na imprensa como uma reedição dos aloprados teria sido fomentada por petistas interessados em ganhar mais espaço na campanha de Dilma Rousseff. Já Onézimo Souza teria oferecido serviços de “contraespionagem” a integrantes da campanha, mas teve seus serviços recusados por ter cobrado “caro demais”.<sup>132</sup>

Ainda no dia 04, Amorim consegue com Amaury Ribeiro Jr. a introdução do livro, que já estaria quase concluído e que seria publicado depois da copa e antes das eleições.<sup>133</sup> Conforme pode ser lido na introdução, o livro, por meio de documentos, daria conta de

---

<sup>132</sup> <http://is.gd/c5qPrh>. Acesso em 15/11/2011.

<sup>133</sup> O livro acabou não sendo publicado na ocasião por conta de uma cláusula firmada entre Amaury Ribeiro Jr. e a *TV Record*, quando ele foi contratado pela emissora, em setembro de 2010. A intenção era evitar uso eleitoral do material: <http://is.gd/AnZTa8>, <http://is.gd/aRpqfC>, <http://is.gd/25BwO9>. No apagar das luzes desta pesquisa, em dezembro de 2011, é lançado o livro de Amaury, “A Privataria Tucana”, merecendo uma reportagem de capa na revista *Carta Capital*: <http://is.gd/scFGf4>, e também uma entrevista com o autor na *Record News*: <http://is.gd/ojy8db>. Acesso em 14/12/2011.



supostas relações firmadas entre o genro de Serra e Daniel Dantas durante as privatizações do governo de Fernando Henrique Cardoso. Também são esmiuçadas as empresas montadas por Verônica Serra e seu marido em paraísos fiscais no Caribe, com o propósito de lavar dinheiro recebido pelas privatizações, tudo auxiliado pelo ex-tesoureiro de José Serra e Fernando Henrique, Ricardo Sérgio. De acordo com Paulo Henrique Amorim, são estas informações que o “PIG” quer encobrir com o propósito de “blindar Serra”, golpeando preventivamente Amaury Ribeiro Jr, ao afirmar que seu livro na realidade seria um dossiê encomendado pela campanha petista.<sup>134</sup>

Nos dias seguintes, os *blogs* “progressistas” fizeram uma enxurrada de matérias sobre as relações de Serra com dossiês e o papel da grande mídia na cobertura do “escândalo”. Paulo Henrique Amorim, citando matéria do *Correio Braziliense* de 2002, aponta a contratação por José Serra, quando ainda era ministro da saúde, da empresa Fence Consultoria Empresarial, especializada em detectar e montar escutas clandestinas. Na época, o Partido da Frente Liberal (PFL) atribuíra a um grampo clandestino a informação, repassada para a Polícia Federal, de que havia mais de um milhão de reais nos cofres da empresa Lunus, de propriedade do marido de Roseana Sarney, Jorge Murad, e que seriam usados para bancar parte da campanha de Roseana à presidência. Isso faria parte de uma suposta estratégia montada pela equipe de José Serra para minar adversários políticos, o que acabou com a retirada da candidatura de Roseana do pleito de 2002.

Entretanto, o que chamou a atenção de Amorim na reportagem do *Correio Braziliense* foram os nomes de Marcelo Itagiba e Onézimo de Souza, que aparecem no texto como integrantes da equipe responsável pelos dossiês pessedebistas.<sup>135</sup> Assim, Paulo Henrique Amorim conclui que é José Serra quem estaria administrando dossiês do PT contra ele próprio para beneficiá-lo, com apoio da imprensa.<sup>136</sup>

Gilson Caroni, colunista da *Carta Maior*, denuncia o que chama de “o dossiê do simulacro de imprensa”:

Quem acompanha a história da imprensa brasileira sabe de suas conexões com interesses dominantes na sociedade fracionada. Conhece, e bem, como são editados fatos e discursos. Tem noção aguda de que a autonomia relativa de uma redação encontra seus limites nos

---

<sup>134</sup> <http://is.gd/Mmp2Hs>. Acesso em 16/11/2011.

<sup>135</sup> <http://is.gd/XtOgpF>. Acesso em 16/11/2011.

<sup>136</sup> <http://is.gd/csnFDe>. Acesso em 16/11/2011.

interesses do patronato. Franklin Martins, Helena Chagas e Rodrigo Viana, demitidos em 2006, estão aí como “respaldo de provas robustas”, “evidências empíricas”, sempre solicitadas pelos defensores da grande mídia corporativa quando acusados de trabalhar para partidos da direita, com doses descomuns de panfletarismo.<sup>137</sup>

E prossegue afirmando que atualmente os jornais são apenas “fonte de munição” para veículos eletrônicos, como rádio, TV e internet. O que sai nos jornais e na revista *Veja* é reproduzido indiscriminadamente no Jornal Nacional, por exemplo. Mas isto não seria um problema, para Caroni, se a “grande mídia” também investigasse o outro lado:

Se a grande mídia acreditasse em suas próprias representações, seria desnecessário reiterar que, se existem indícios, por mais tênues que sejam, de possível envolvimento de José Serra com os irregularidades da privatária, por ação ou omissão, tal possibilidade deveria ser investigada. Para um jornalismo correto denúncias não são liminarmente desqualificadas.<sup>138</sup>

No dia 11, Leandro Fortes volta à carga com uma nova reportagem em que pretende esclarecer pontos até então obscuros sobre o “escândalo do dossiê”. Na reportagem, Fortes afirma que é intenção de Amaury, junto com a publicação do livro, prevista para fins de julho de 2010, entregar cópias dos documentos utilizados ao Ministério Público Federal, o que sem dúvida abalaria os alicerces do PSDB às vésperas da eleição de outubro.

A respeito do “dossiê que ninguém viu”, Fortes corrobora a narrativa de *Veja* sobre uma divisão envolvendo Fernando Pimentel de um lado, e Rui Falcão, de outro. Lanzetta, ligado a Pimentel, e preocupado com os vazamentos, procura auxílio de Amaury Jr., um velho amigo. Amaury então aciona uma fonte, um sargento da aeronáutica que, por sua vez, indica o nome de Onézimo Souza, ex-delegado aposentado e com mais de 30 anos de experiência em investigações, como o homem ideal para o trabalho. Também fora convidado o empresário Oliveira Neto, amigo de Lanzetta, que enriquecera durante o mandato de Lula em negócios com o governo, para ir na condição de “testemunha”.

Na versão de Lanzetta, sustentada por Oliveira Neto e Amaury Jr., Onézimo foi consultado somente sobre a montagem de um esquema de segurança para descobrir a origem dos vazamentos. Suspeitava-se da existência de escutas na casa. Onézimo afirma então que é “antipetista”, e seus contatos com integrantes da oposição davam conta de que Marcelo Itagiba (PSDB-RJ) estaria produzindo dossiês contra os aliados do presidente

---

<sup>137</sup> <http://is.gd/IOLmXY>. Acesso em 13/11/2011.

<sup>138</sup> *Id.*

Lula. A solução, segundo ele, seria montar um esquema de contraespionagem ao custo de R\$ 180 mil reais mensais. Lanzetta então se levantou e foi embora.

Onézimo nega tal versão. Ele afirma que Lanzetta teria feito uma proposta considerada por ele indecente: grampear José Serra. Onézimo então teria recusado e abandonado o local, mas não sem antes deixar um cartão com seus dados a Lanzetta, com uma marca para ser identificado. Uma semana depois, um repórter da *Veja* procura Onézimo com o cartão marcado dado a Lanzetta. Para Onézimo, a *Veja* tinha alguém dentro da casa. Na ocasião, soube que Amaury Ribeiro Jr. também tinha sido entrevistado pela revista. Depois da primeira reportagem, *Veja* procura novamente Onézimo e é então que ele revela o suposto pedido “indecente” feito por Lanzetta para investigar José Serra.

Amaury, por sua vez, afirma que viu Onézimo uma segunda vez, quinze dias depois do primeiro encontro, quando foi acusado por ele de ter passado seu cartão para a revista. Amaury alega que o roubo do cartão foi feito provavelmente por alguém da casa do Lago Sul, já que um capítulo do seu livro também teria sido copiado de seu *laptop*, e relatórios de custos de manutenção da casa também foram parar nas mãos da *Veja*.<sup>139</sup>

No dia 17 de junho, Onézimo presta depoimento no Congresso Nacional, reafirmando sua versão, de que lhe ofereceram R\$ 1,6 milhão por 10 meses, com a função de descobrir quem era o responsável pelo “fogo amigo”, e que desconfiavam de Rui Falcão. Também reitera ter declinado do trabalho quando pediram a fabricação de um dossiê sobre José Serra.<sup>140</sup> Pressionado pelas declarações de Onézimo, Amaury se dispõe a falar em juízo<sup>141</sup>, o que só acontece em setembro.

Antes, porém, em fins de julho, sai o relatório da corregedoria da Receita Federal, que havia apurado a denúncia de quebra de sigilo de Eduardo Jorge, informando o afastamento da servidora Antonia A. R. dos Santos Neves Silva. No dia 31 de agosto, o *Estado de S. Paulo* tem acesso aos documentos da investigação, indicando que também o sigilo de Verônica Serra fora quebrado, em Santo André, pela funcionária Lúcia de Fátima

---

<sup>139</sup> <http://www.viomundo.com.br/politica/leandro-fortes-na-pista-do-factoide.html>. Acesso em 16/11/2011.

<sup>140</sup> <http://is.gd/ww6iPZ>. Acesso em 16/11/2011.

<sup>141</sup> <http://is.gd/ZzOdWC>. Acesso em 16/11/2011.

Gonçalves Milan.<sup>142</sup> O relatório conclui que o pedido teria partido da própria Verônica, informação desmentida logo depois por ela na imprensa.<sup>143</sup>

Serra tentou, com base na quebra de sigilo fiscal de sua filha, cassar o registro da candidatura de Dilma Rousseff, sem sucesso.<sup>144</sup>

Nos dias seguintes, surge o nome do contador Antônio Carlos Atella Ferreira<sup>145</sup>, que teria acessado o imposto de renda de Verônica mediante a apresentação de uma procuração falsa. Ele alega, em entrevista, que apenas recebe as procurações e busca os documentos na Receita, um “office boy de luxo”, e não tem como saber quem lhe contratou o serviço.<sup>146</sup>

*Folha de S. Paulo* e depois *Veja*<sup>147</sup> afirmam que a quebra de sigilo fiscal de Verônica Serra e Eduardo Jorge estariam relacionadas ao suposto “grupo de espionagem” montado pelo PT, e, portanto, a Amaury Ribeiro Jr.<sup>148</sup>, o que foi negado por ele em nota (ignorada pelos grandes veículos de comunicação, mas publicada nos *blogs* “progressistas”), depois de ter dado seu primeiro depoimento à Polícia Federal.

Nela Amaury esclarece que o conteúdo do seu livro nada tem a ver com as denúncias de quebra de sigilo fiscal, já que todos os documentos usados para contar os bastidores das privatizações dizem respeito aos anos de 1999 a 2002. Ele também aproveita para afastar as ilações da imprensa de que a quebra de sigilo teria alguma relação com o “grupo de inteligência” (que nunca existiu, segundo Amaury), pois se tratariam de eventos separados, opinião que é encampada pelos blogueiros.<sup>149</sup>

Os depoimentos de Amaury Jr. à Polícia Federal tiveram uma cobertura bastante peculiar por parte da imprensa. Tudo o que pôde ser usado para atingir o PT foi extraído de suas declarações, e as menções a José Serra, membros da cúpula tucana e Aécio Neves foram tergiversadas.

Sobre a hipótese do suposto “dossiê” (na verdade o livro de Amaury Jr.) ter iniciado com uma briga interna entre Aécio e Serra, e não ter sido contratado pelo PT, a *Folha de S. Paulo* já havia se antecipado com a publicação da resposta de Aécio aos “boatos petistas”

---

<sup>142</sup> <http://is.gd/OaqNGo>. Acesso em 16/11/2011.

<sup>143</sup> <http://is.gd/SL051u>. Acesso em 16/11/2011.

<sup>144</sup> <http://is.gd/Dc8p6K>. Acesso em 16/11/2011.

<sup>145</sup> <http://is.gd/9vA5K7>. Acesso em 17/11/2011.

<sup>146</sup> <http://is.gd/X2LjT7>. Acesso em 16/11/2011.

<sup>147</sup> <http://is.gd/ujeMrE>. Acesso em 17/11/2011.

<sup>148</sup> <http://is.gd/PgVaR9>. Acesso em 15/11/2011.

<sup>149</sup> <http://is.gd/K8OZvM>. Acesso em 17/11/2011.

(nas palavras da reportagem), chamando a tese de “risível”.<sup>150</sup> Enquanto isso, os blogueiros apresentavam todas as evidências que relacionavam Aécio Neves ao jornal *Estado de Minas*, quando Amaury Ribeiro Jr. ainda trabalhava por lá.<sup>151</sup>

O escândalo da quebra de sigilo ganhou novo fôlego faltando aproximadamente 10 dias para o primeiro turno das eleições, quando a advogada de Eduardo Jorge vazou<sup>152</sup> para a *Folha de S. Paulo* que Amaury Ribeiro Jr., no entendimento da Polícia Federal, estaria de fato relacionado à quebra de sigilo ocorrida em setembro de 2009. Em seguida, é informado que o jornalista teria confessado em juízo a participação no crime<sup>153</sup>, embora nenhuma confissão estivesse registrada no novo depoimento, publicado pouco depois no *Estado de S. Paulo*.<sup>154</sup> Ainda segundo a reportagem, a polícia também apurou, a partir do cruzamento de ligações telefônicas realizadas por Amaury, que a quebra de sigilo realizou-se com a ajuda de um intermediário, o despachante Dirceu Rodrigues Garcia, o que foi confirmado por Dirceu em depoimento.<sup>155</sup>

O desejo da Polícia Federal era deixar o relatório e o indiciamento para depois das eleições a fim de evitar uso eleitoral<sup>156</sup>, mas o vazamento antecipou não só o indiciamento de Amaury<sup>157</sup>, como forneceu munção para diversas reportagens nos dias seguintes, às vésperas da eleição, dando destaque à suposta confissão do jornalista – que ele nega<sup>158</sup> – e ao pagamento de R\$ 8.400,00 feito ao despachante.<sup>159</sup>

Para além disso, a cobertura da *Folha de S. Paulo*, de *O Globo* e da *TV Globo* dão a entender que a contratação fora realizada pela campanha do PT, quando as evidências colhidas pela Polícia Federal apontavam que Aécio Neves estaria por trás da contratação. Em nota, a Polícia Federal, cautelosa, não explicitou o partidarismo da imprensa, mas se opôs a “qualquer tentativa de utilização de seu trabalho para fins eleitoreiros com distorção de fatos ou atribuindo a esta instituição conclusões que não correspondam aos dados da

---

<sup>150</sup> <http://is.gd/F9R40f>. Acesso em 17/11/2011.

<sup>151</sup> <http://is.gd/Xu34pm> e <http://is.gd/6XiFCr>. Acesso em 17/11/2011.

<sup>152</sup> <http://is.gd/OhRhF0>. Acesso em 16/11/2011.

<sup>153</sup> <http://is.gd/87JLjc>. Acesso em 08/12/2011.

<sup>154</sup> <http://is.gd/sv6rA7>. Acesso em 10/12/2011.

<sup>155</sup> <http://is.gd/sF98wN> e <http://is.gd/deFDyL>. Acesso em 17/11/2011.

<sup>156</sup> <http://is.gd/OhRhF0>. Acesso em 16/11/2011.

<sup>157</sup> <http://is.gd/YTBL6v>. Acesso em 16/11/2011.

<sup>158</sup> <http://is.gd/vNs2va>. Acesso em 10/12/2011.

<sup>159</sup> <http://is.gd/YfnVjP> e <http://is.gd/rj5a9K>. Acesso em 17/11/2011.

investigação”.<sup>160</sup> Como destaca Nassif em seu *blog*, dá-se “ênfase ao acessório – a aproximação posterior de Amaury com a pré-campanha de Dilma – para diluir o essencial – o fato de que o dossiê foi fogo amigo no PSDB”.<sup>161</sup>

A grande exposição na mídia das sucessivas quebras de sigilo pressionaram o governo a encampar uma medida provisória, promulgada em outubro, aumentando a punição para servidores públicos que violassem o sigilo fiscal de contribuintes. Uma medida que, com finalidade mais eleitoreira que corretiva, perdeu sua validade alguns meses depois das eleições, e não foi renovada até agora.<sup>162</sup>

Tanto a cobertura da “grande mídia” quanto a da blogosfera “progressista” no episódio estudado foram claramente partidárias. Do lado da imprensa tradicional, inúmeras reportagens tiveram como único propósito colar a imagem do PT às denúncias e à corrupção.<sup>163</sup> Nas matérias dos jornais, e à medida que as eleições se aproximavam, a existência de uma “equipe de inteligência” e de um “dossiê contra José Serra” não são hipóteses que precisam ser investigadas, mas fatos, e o conteúdo do suposto dossiê não merece atenção, apenas seus supostos idealizadores. Na realidade, é simplesmente impossível traçar uma linha inteligível de todo o escândalo apenas a partir do noticiário da grande imprensa, tamanha é a preocupação em selecionar as informações e proteger os políticos de sua predileção.

Por outro lado, os blogueiros “progressistas”, embora façam estardalhaço sobre os chamados “factoides” da “grande mídia” – como quando, por exemplo, a imprensa tentou esconder a relação de Aécio Neves com o projeto embrionário do dossiê, ou quando o conteúdo do dossiê relacionado a José Serra foi deixado de lado – dirigiram poucas críticas às disputas internas de aliados petistas. Não se viu nenhuma crítica ao fato de um dos grupos (possivelmente o de Rui Falcão) ter vazado para a revista *Veja* as informações que tantos problemas causaram para a candidatura de Dilma, colocando uma campanha presidencial em risco em nome de disputas por espaço dentro do partido. O retrato do candidato José Serra nestes *blogs*, por sua vez, deve ser classificado, no mínimo, como pouco jornalístico: transformado em caricatura, Serra é quase sinônimo de maquinações,

---

<sup>160</sup> <http://www.viomundo.com.br/politica/a-nota-da-pf-sobre-o-amaury.html>. Acesso em 17/11/2011.

<sup>161</sup> <http://is.gd/OhRhF0>. Acesso em 17/11/2011.

<sup>162</sup> <http://is.gd/A7i9vZ> e <http://is.gd/sh2ydT> e <http://is.gd/uqGaMt>. Acesso em 17/11/2011.

<sup>163</sup> <http://is.gd/4V3Mgv> e <http://is.gd/qdyOg5> e <http://is.gd/U7GGb8>. Acesso em 17/11/2011.

dissimulação, hipocrisia. Uma imagem não muito distante da Dilma Rousseff “comunista” e “guerrilheira” vendida por alguns setores mais à direita.

De uma maneira geral, é possível verificar que os blogueiros “progressistas” reproduziram a mesma lógica de “torcidas de futebol” levada a cabo pela “grande mídia” na cobertura do “escândalo dos dossiês”, abrindo mão de um espaço jornalístico autônomo para comprar um dos lados da disputa político-partidária. Esta constatação ganha ainda mais relevo quando se dá atenção às lamúrias de Paulo Henrique Amorim a respeito da leniência de Dilma Rousseff, que não usa em seus discursos o arsenal produzido pelos jornalistas simpáticos à sua candidatura, como a suposta ligação de Serra e seus parentes a Daniel Dantas, ou a quebra de 60 milhões de sigilos fiscais pela empresa de Verônica Serra.<sup>164</sup>

Em última análise, tudo isso serve apenas para ilustrar o quanto a imprensa brasileira, independente de preferências políticas e ideológicas, precisa ainda amadurecer para desempenhar, de maneira adequada e equilibrada, o papel esperado dela num regime democrático: estimular um debate amplo e legítimo da esfera pública, fundamental para o exercício consciente da cidadania e para a tomada de decisões importantes para o futuro do país.

---

<sup>164</sup> <http://is.gd/AnZTa8>. Acesso em 17/11/2011.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, pretendeu-se dar resposta a três questões. Na **primeira**, sobre o processo de constituição do movimento dos blogueiros “progressistas”, foram apresentados os principais integrantes do grupo, constatando-se que nenhum deles adquiriu seu prestígio e notoriedade exclusivamente com sua atuação na blogosfera. Ao contrário, quase todos tiveram uma extensa trajetória em jornais ou televisão, enquanto um deles, Altamiro Borges, vinha de um longo percurso no PC do B e na luta sindical.

Isso permite entrever que a horizontalidade da internet – com os meios de produção ao alcance de todos – não torna possível a qualquer um concorrer pela audiência em pé de igualdade. A melhor maneira de adquirir recursos e autoridade para ser ouvido na internet depende ainda de uma carreira bem-sucedida em outros espaços sociais, preferencialmente nos grandes veículos de comunicação.

A ideia do encontro foi de Luiz Carlos Azenha, inspirado numa reunião de blogueiros de esquerda nos EUA. Mas as dificuldades em conseguir amparo institucional de fora do grupo levou a organização do evento para as mãos de Altamiro Borges e seu instituto, o *Barão de Itararé*. As relações de Borges com o meio político foram determinantes para trazer ao movimento o apoio de sindicatos e outras agremiações identificadas com o governismo. Mesmo assim, a ideia do encontro só pôde dar certo em razão de três fatores conjunturais: a consolidação e o reconhecimento mútuo da atuação dos *blogs* de esquerda na internet, construídos ao longo de vários anos; o prestígio dos principais agentes do movimento junto ao seu público; e a influência do momento político.

A **segunda** questão se propôs a esclarecer exatamente qual foi a relação do momento político – o processo eleitoral em andamento – com a realização do 1º Encontro Nacional de Blogueiros “Progressistas”. Verificou-se que a radicalização político-partidária, própria das eleições, pesou não só para reunir os blogueiros em torno de uma bandeira comum, mas também para a realização do encontro antes do processo eleitoral, a fim de que tivesse um peso político.

A julgar pela cobertura realizada pela imprensa tradicional sobre o evento, a repercussão foi pequena. Contudo, é difícil medir o impacto que um encontro como este



pode ter exercido sobre agentes do meio jornalístico ligados às grandes empresas da área de comunicação. Afinal, até que ponto as repetidas críticas dos blogueiros “progressistas” à suposta “neutralidade” da mídia e às matérias tendenciosas não influenciaram, por exemplo, a publicação de um editorial da *Folha de S. Paulo*, no qual reafirma que “não apoia nenhuma candidatura”, justamente em meio a tantas acusações da blogosfera de que favoreceria José Serra?<sup>165</sup>

Por fim, a **terceira** questão confrontou a cobertura da blogosfera “progressista” e a da “grande mídia” no chamado “escândalo dos dossiês”, que ocupou o noticiário político desde fins de maio de 2010 até o primeiro turno das eleições. Com a proposta de fornecer “contrainformação” ao noticiário “golpista” da “grande mídia”, foi constatado que os blogueiros “progressistas” cumpriram um importante papel de contraditório num país em que o setor de comunicações é historicamente muito concentrado e conservador.

Todavia, a abordagem partidarizada das notícias não se restringiu aos grandes veículos de comunicação. Tanto a blogosfera “progressista” quanto a “grande mídia” não conseguiram separar sua atuação jornalística das disputas político-partidárias. O resultado disso foi que os blogueiros “progressistas” terminaram por reproduzir a mesma lógica de “torcidas de futebol” na cobertura do “escândalo dos dossiês”, abrindo mão de um espaço jornalístico autônomo para agir em defesa da candidatura de Dilma Rousseff.

---

<sup>165</sup> <http://is.gd/KUKqxs>. Acesso em 18/11/2011.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Lia Raquel L. O Blog Visto pela Redação: os blogs e a blogosfera nas rotinas de trabalho dos jornalistas, com os estudos de caso dos jornais A Tarde e Gazeta do Povo. 171f. il. 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

BLOOD, Rebecca. Weblogs: A History and Perspective. 2000. Disponível em: [http://www.rebeccablood.net/essays/weblog\\_history.html](http://www.rebeccablood.net/essays/weblog_history.html). Acesso em: 12/06/2011.

BOLAÑO, C.; BRITTOS, V. Blogosfera, espaço público e campo jornalístico: o caso das eleições presidenciais brasileiras de 2006. In: III JORNADAS INTERNACIONAIS DE JORNALISMO. Porto (Portugal), março de 2008. Disponível em: <http://pontomidia.com.br/raquel/arquivos/bolanobrittos.pdf>. Acesso em 05/07/2011.

BOURDIEU, Pierre. [1989] O poder simbólico. [12. ed.] Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

\_\_\_\_\_. [1997e] Sobre a televisão. Rio de Janeiro :Jorge Zahar, 2008.

BRANDÃO, Zaia. Operando com conceitos: com e para além de Bourdieu. Revista Educação e Pesquisa, vol. 36, nº1, jan-abril, 2010, p.227-241.

CHAUÍ, Marilena. Simulacro e poder – uma análise da mídia. São Paulo, Fundação Perseu Abramo, 2006.

DALMASO, Silvana C. Linkagem e intertextualidade. Os links no blog Luis Nassif online e caso da bolinha de papel. In: XII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sul – Londrina, PR – 26 a 28 de maio de 2011.

FICO, Carlos. Reinventando o otimismo: ditadura, propaganda e imaginação social no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FOLETTTO, Leonardo Feltrin. O blog jornalístico: definição e característica na blogosfera brasileira. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, UFSC, 2009.

FRANZONI, Sabrina. O blog do ombudsman: interação e auto-referência no ciberespaço. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

GARAVELLO, Murilo. Os blogs e o jornalismo de texto: a campanha para a eleição presidencial de 2006 no Brasil. São Paulo, 2009. 163 p. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

GRIJÓ, Luiz Alberto. A mídia brasileira no século XXI: autonomia para quem? Porto Alegre, UFRGS, *mimeo*, 2011.

HABERMAS, Jürgen. O valor da notícia. In.: Folha de São Paulo, Caderno Mais. São Paulo, 27 de maio de 2007. <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2705200707.html>. Acessado em 05 de agosto de 2011.

MALINI, Fabio. A Opinião Pública Distribuída: blogs e eleições brasileiras de 2006. Revista E-Compós, 2007, p. 1-21.

\_\_\_\_\_. Por uma genealogia da blogosfera: considerações históricas (1997 a 2001). Revista Lugar Comum nº 24-24 (UFRJ), 2009, p. 33-47.

ORIHUELA, J. La revolución de los blogs. Primeira edición. Madrid: Esfera Libros, 2006.

ORTIZ, Anderson. Eleições 2010: internet em alta, mídia de massa em baixa? In: IV CONGRESSO LATINO AMERICANO DE OPINIÃO PÚBLICA DA WAPOR. Belo Horizonte, 2011. Disponível em: [http://www.waporbh.ufmg.br/papers/Anderson\\_Ortiz.pdf](http://www.waporbh.ufmg.br/papers/Anderson_Ortiz.pdf). Acesso em 05/07/2011.

PALACIOS, Marcos. Blogosfera e jornalismo on-line no Brasil ou Porque Noblat, Josias e cia. não fazem blogs. LUPA, Revista Laboratório da Faculdade de Comunicação da UFBA, Salvador, maio 2006. Disponível em:

[http://docs.google.com/View?docid=adf4grpvm38\\_28gc7rm9](http://docs.google.com/View?docid=adf4grpvm38_28gc7rm9). Acesso em: 04/07/2011.

PENTEADO, C. *et al* (2007). A cobertura das eleições presidenciais de 2006 pelos blogs de notícia. Revista Aurora, PUC-SP, dezembro de 2008. Disponível em:

[http://www.pucsp.br/revistaaurora/dez\\_2008/araujo.pdf](http://www.pucsp.br/revistaaurora/dez_2008/araujo.pdf). Acesso em 04/07/2011.

PENTEADO, C. *et al* (2011). Informação e contrainformação: o papel dos blogs no debate político das eleições presidenciais de 2010. In: IV CONGRESSO LATINO AMERICANO DE OPINIÃO PÚBLICA DA WAPOR. Belo Horizonte, 2011.

SCHITTINE, D. Blog: comunicação e escrita íntima na internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.